

Observatório

DAS DINÂMICAS REGIONAIS DO NORTE

EMPREGO E DESEMPREGO NA REGIÃO DO NORTE DE PORTUGAL

EDIÇÃO 2009



CCDRn



COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO NORTE



MINISTÉRIO DO AMBIENTE E DO
ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



União Europeia
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

FICHA TÉCNICA

Título

Emprego e Desemprego na Região do Norte de Portugal. Edição 2009

Edição

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N)

Observatório das Dinâmicas Regionais do Norte / Centro de Avaliação de Políticas e Estudos Regionais (CAPER)

Coordenação Técnica e Editorial

Ana Teresa Lehmann

Rui Monteiro

Elaboração do Relatório

Eduardo Pereira

Apoio Técnico

Josefina Gomes

Data

Mai 2010

www.ccdr-n.pt | geral@ccdr-n.pt

EMPREGO E DESEMPREGO NA REGIÃO DO NORTE DE PORTUGAL

EDIÇÃO 2009

ÍNDICE

Sumário executivo	7
Nota Introdutória.....	9
1. O mercado de trabalho da Região do Norte face à crise	10
2. Evolução do mercado de trabalho da Região do Norte em 2009	18
2.1. A oferta de mão-de-obra.....	19
2.2. O emprego.....	22
2.3. O desemprego	30
2.3.1. Desemprego Registado: a dimensão local do desemprego.....	35
2.3.2. Desemprego Registado: os ramos de actividade e as profissões de quem procura emprego.....	40
2.4. Os salários.....	43
3. Breve nota conclusiva e prospectiva	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Taxa de crescimento do produto interno bruto, em volume	11
Figura 2 – Taxa de emprego global (Homens e Mulheres, 15 a 64 anos)	13
Figura 3 – Taxa de emprego das mulheres (15 a 64 anos)	13
Figura 4 – Taxa de emprego dos 55 aos 64 anos (Homens e Mulheres)	14
Figura 5 – Taxas de desemprego, por NUTS II (valor médio anual)	14
Figura 6 – Trajectória das taxas de emprego e de desemprego (15 aos 64 anos) Portugal e Região do Norte, 2000-2009	15
Figura 7 – População activa residente na Região do Norte, milhares de indivíduos e variação anual (%)	19
Figura 8 – Taxas de actividade (15 e mais anos), por género: Portugal e Norte	20
Figura 9 – Taxas de actividade específicas por género e grupo etário, na Região do Norte	20
Figura 10 – Pirâmides etárias da população activa da Região do Norte (em percentagem do total de população activa)	21
Figura 11 – Estrutura da população activa da Região do Norte, por nível de escolaridade completo, segundo o género (em percentagem do total de população activa)	22
Figura 12 – População empregada residente na Região do Norte, em milhares de indivíduos e variação anual (%)	23
Figura 13 – População empregada nos principais sectores empregadores	24
Figura 14 – Estrutura sectorial (CAE 3) da população empregada da Região do Norte - 2009	25
Figura 15 – População empregada na Região do Norte, por situação na profissão	26
Figura 16 – Relação contratual por grupo etário, na Região do Norte	27
Figura 17 – Relação contratual por ramo de actividade, na Região do Norte (2009)	27
Figura 18 – Subemprego visível	29
Figura 19 – Subemprego visível, por género (em permilagem da população empregada)	29
Figura 20 – População Desempregada residente na Região do Norte	30
Figura 21 – Contributos para a variação percentual anual da população desempregada residente na Região do Norte, segundo a procura do primeiro ou de um novo emprego (2004-2009)	31
Figura 22 – Taxas de desemprego na Região do Norte, por género	31
Figura 23 – Taxas de desemprego na Região do Norte, por grupo etário	33
Figura 24 – Taxas de desemprego na Região do Norte, por nível de instrução	33

Figura 25 – Desemprego de longa duração	34
Figura 26 – Desemprego Registado (IEFP) versus População Desempregada (INE) na Região do Norte	35
Figura 27 – Desemprego Registado – média anual de 2009	36
Figura 28 – Indicador local de Desemprego Registado, 2009	38
Figura 29 – Desemprego Registado: taxa de variação anual (%)	39
Figura 30 – Desemprego Registado, por ramo de actividade, em 2009 (média anual)	40
Figura 31 – Desemprego Registado, por grupos de profissões, em 2009 (média anual)	41
Figura 32 – Salário médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: diferencial percentual da Região do Norte para a média nacional	43
Figura 33 – Desigualdade salarial de género:	44
Figura 34 – Salário médio mensal por nível de instrução, em Portugal e na Região do Norte, em % da média global de cada espaço geográfico de referência	44

Sumário executivo

- (1) O ano de 2009 foi marcado por uma recessão económica a nível internacional, que afectou também a economia portuguesa. O impacto da crise sobre o mercado de trabalho foi mais acentuado na Região do Norte do que em relação ao todo nacional, devido a uma maior orientação exportadora e ao facto de a economia regional atravessar ainda profundas mudanças estruturais, na sequência da crise anterior (2002/2003).
- (2) O emprego regional contraiu-se em cerca de 3,2%, levando a taxa de emprego (dos 15 aos 64 anos) a descer até 64% em 2009. Em termos líquidos, a Região do Norte perdeu, em 2009, cerca de 58 mil empregos, superando assim o efeito da recessão de 2002/2003, que em dois anos provocou (também em termos líquidos) a destruição de cerca de 31 mil empregos na região.
- (3) A maior parte da perda de empregos ocorreu nas indústrias transformadoras da Região do Norte, que em 2009 empregavam, em média, menos 28 mil pessoas do que no ano anterior. A estrutura sectorial do emprego na Região do Norte, em 2009, era dominada pelas indústrias transformadoras (com 24,6% do total), o comércio (15,4%), o sector primário (11,9%) e a construção (10,9%).
- (4) A contracção do emprego regional foi, em termos relativos, particularmente acentuada no que se refere ao número de trabalhadores por conta de outrem com contrato com termo, cuja importância relativa decresceu de 12,3% para 11,8%, contrariando a tendência de anos anteriores.
- (5) O subemprego visível é outro fenómeno que, em anos recentes, vinha assumindo importância crescente na Região do Norte e que em 2009, pelo contrário, perdeu expressão (deixando, desse modo, de contribuir para conter o crescimento do desemprego).
- (6) Os cerca de 217 mil desempregados que em 2009, em média, se contavam na Região do Norte, correspondiam a cerca de dois quintos do total nacional de desempregados. A taxa de desemprego atingiu, na Região do Norte, na média do ano de 2009, um máximo histórico de 11%, sendo a mais elevada entre as regiões portuguesas (de nível NUTS II).
- (7) O diferencial entre a taxa de desemprego feminina (12,4%) e masculina (9,8%) manteve-se praticamente inalterado em 2009, na Região do Norte, face ao ano anterior. A taxa de desemprego dos jovens, na Região do Norte, atingiu, em 2009, 21,9% (contra 16,2% em 2008). Por sua vez, a taxa de desemprego dos

indivíduos com formação ao nível do ensino superior, na Região do Norte, desceu para 8,4% (valor que compara com 9,3% em 2008).

- (8) Cerca de 61% dos desempregados da Região do Norte inscritos nos Centros de Emprego (ou, de modo equivalente, perto de 27% dos desempregados registados de todo o país), concentravam-se, em 2009, em 14 municípios, num contínuo territorial que abarcava o corpo central da Área Metropolitana do Porto, alguns concelhos limítrofes da AMP e ainda o município de Braga.
- (9) Os principais sectores tradicionais da Região do Norte (a fileira têxtil e o calçado e produtos do couro) eram, em 2009, a origem de 18,2% dos desempregados inscritos. Mais de 45% dos desempregados inscritos na Região do Norte eram, em 2009, trabalhadores não qualificados ou operários, artífices e trabalhadores similares.
- (10) Nos últimos três anos, reduziu-se a disparidade salarial entre a Região do Norte e a média nacional. Em 2006, o salário médio praticado na Região do Norte ficava cerca de 10,5% abaixo da média nacional, mas em 2009 esse diferencial tinha-se reduzido para 7,1%.

Nota Introdutória

O presente relatório dá continuidade à publicação de Sínteses Temáticas desenvolvidas pelo Centro de Avaliação de Políticas e Estudos Regionais (CAPER) da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), através do seu Observatório das Dinâmicas Regionais, a propósito de alguns dos temas mais relevantes para o desenvolvimento regional do Norte do país no actual contexto. Aliás, este relatório actualiza a análise do emprego e desemprego na Região do Norte que já tinha sido efectuada no mesmo formato em 2008.

Centrando-se na análise do mercado de trabalho da Região do Norte em 2009, o documento conta com um enquadramento global face, por um lado, à actual conjuntura económica e, por outro, às tendências mais pesadas de ajustamento estrutural da economia regional reflectidas nas tendências de evolução de anos anteriores. Aborda, entre outros, aspectos tão diversos como a oferta de mão-de-obra, a evolução do emprego, a sua estrutura sectorial, a natureza das relações laborais e a sua relação com os grupos etários ou com os sectores de actividade, o subemprego, o desemprego e a sua declinação por género, grupos etários e níveis de instrução, as fontes de variação do desemprego, o desemprego de longa duração, a dimensão local do desemprego, as profissões e os ramos de actividade anterior de quem procura emprego e a estrutura salarial. Apresenta ainda, no seu início, um breve sumário executivo. Conclui-se com uma breve nota conclusiva e prospectiva.

A maior parte dos dados estatísticos analisados (Estatísticas do Emprego), são produzidos e difundidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) sendo os restantes (Desemprego Registado) pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). O relatório que agora se publica não teria sido possível sem a colaboração, que se agradece, destas duas instituições na disponibilização de toda esta informação.

A análise da evolução do mercado de trabalho da Região do Norte continuará merecer a devida atenção, nomeadamente, quer nos relatórios trimestrais do Norte Conjuntura, quer em novas Síntese Temáticas de carácter anual. Na certeza de que, não obstante as dificuldades económicas do momento presente, se trata de um elemento central a ter em consideração na estratégia de desenvolvimento regional que a CCDR-N tem pretendido traçar.

I. O mercado de trabalho da Região do Norte face à crise



Após a recessão dos anos 2002 e 2003, a Região do Norte viu acelerar a mudança estrutural que, já então, se encontrava em marcha, num processo (ainda em curso) marcado pela modernização do aparelho produtivo, pela inovação tecnológica, pela terciarização crescente e, em termos gerais, pela procura de um novo paradigma de desenvolvimento regional, substituindo progressivamente o enfoque na produção pelo da criação de valor e procurando potenciar novos factores de competitividade. A intensificação desta mudança permitiu, entre 2004 e 2007, acumular quatro anos consecutivos de crescimento económico regional positivo, a ritmos progressivamente mais elevados, culminando com um crescimento do PIB de 2,5%, em volume, no ano de 2007 (seis décimas de ponto percentual acima da média nacional e quatro décimas abaixo do registo da União Europeia).

Este ciclo de crescimento do PIB regional foi, sobretudo, impulsionado pela obtenção de ganhos de produtividade, pelo que não permitiu senão pequenos ganhos de emprego (aferidos pelo crescimento da população empregada em 2005 e 2006). Pelo contrário, foi sempre acompanhado de sucessivos agravamentos da taxa de desemprego: de 6,8% em 2003, até 9,4% em 2007. Na verdade, o tipo de alterações estruturais que se desencadearam na Região do Norte alterou profundamente a natureza da relação entre crescimento económico e crescimento do emprego: o primeiro, hoje, não garante necessariamente o segundo; e só a ocorrência de um ciclo alargado de contínuo crescimento económico e/ou a obtenção de ritmos elevados de crescimento económico, podem impulsionar decididamente o emprego.

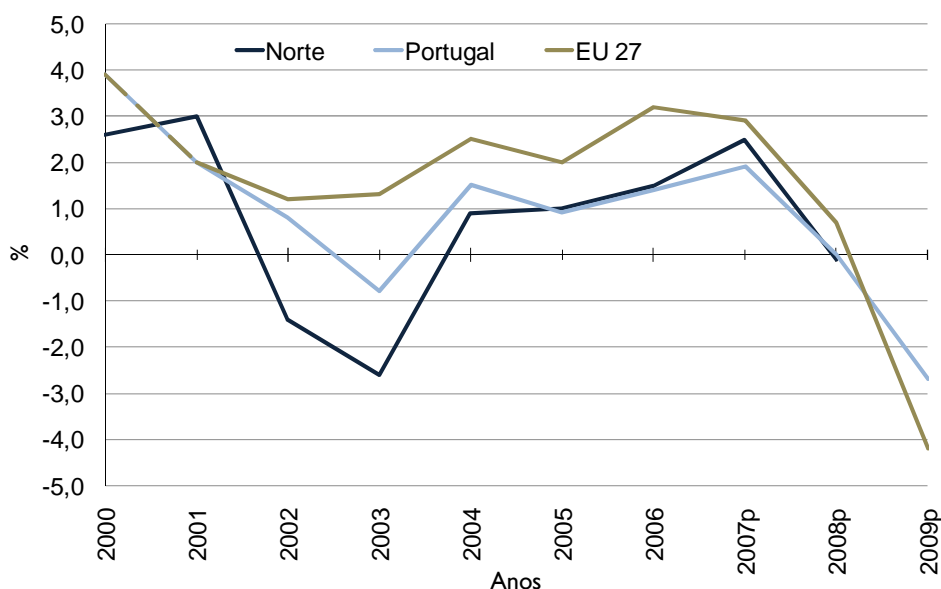


Figura I – Taxa de crescimento do produto interno bruto, em volume

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE) e Eurostat

Durante 2008, eclodiu a crise económica internacional, provocando, logo nesse ano, uma forte desaceleração do crescimento económico na União Europeia (reduzido a 0,7%). Em Portugal, o PIB registou, nesse ano, uma variação real nula, enquanto na Região do Norte ocorreu uma queda em volume de 0,1%. No mercado de trabalho da Região do Norte, o ano de 2008 iniciou-se com uma dinâmica de crescimento do emprego que beneficiava do efeito acumulado dos anteriores quatro anos consecutivos de crescimento económico e, sobretudo, da aceleração de crescimento em 2007¹. Na segunda metade do ano, porém, o impacto da crise económica internacional passou a fazer-se sentir no mercado de trabalho regional, em particular através da redução do nível de actividade do sector exportador, afectado pela queda da procura nos principais países clientes. Mesmo assim, em termos médios anuais, 2008 surge marcado, na Região do Norte, pela redução da taxa de desemprego (que se fixou em 8,7%, descendo sete décimas de ponto percentual face ao ano anterior) e por um crescimento do emprego da ordem de 0,6% (o mais elevado, em termos médios anuais, desde 2002, inclusive).

Em 2009, a recessão económica instalou-se de forma clara, quer na União Europeia (com o PIB europeu a perder 4,2% em volume), quer em Portugal (redução de 2,7% do PIB em volume), tendência que seguramente ocorreu também na Região do Norte, pese embora não serem ainda conhecidas estimativas do PIB regional de 2009. O mercado de trabalho reflectiu por inteiro esta nova conjuntura – e de forma mais acentuada na Região do Norte do que em relação ao todo nacional. O emprego regional, em termos médios anuais, reduziu-se, em 2009, em 3,2% face ao ano anterior (superando a quebra de 2,8% registada a nível nacional). Ao mesmo tempo, a taxa de desemprego cresceu, na Região do Norte, de 8,7% para 11,0% – um agravamento de 2,3 pontos percentuais (p.p.), mais acentuado do que a subida sentida em termos nacionais, de 7,6% para 9,5%.

A taxa de emprego (relação entre a população empregada dos 15 aos 64 anos de idade e a população residente do mesmo grupo etário) nunca recuperou, na Região do Norte, desde a quebra sofrida durante a recessão de 2002/2003. Durante cinco anos (de 2004 a 2008), a taxa de emprego da Região do Norte apenas oscilava entre 65,9% e 66,3%. Em 2009, contudo, o mesmo indicador cifrou-se em apenas 64,0%, distanciando-se ainda mais do valor médio nacional (66,3%). Tanto para a região como para o país, estes valores da taxa de emprego são os mais baixos desde o início da actual série das Estatísticas do Emprego (isto é, desde 1998, pelo menos).

Globalmente, em 2009, as taxas de emprego feminina e dos trabalhadores com 55 a 64 anos seguiram, com algumas *nuances*, a mesma tendência descrita para a taxa de emprego

¹ No 2º trimestre de 2008, o emprego (população empregada residente) na Região do Norte registou, em termos homólogos, um crescimento de 2,1% – valor claramente acima da média nacional (1,4%) e constituindo o registo mais favorável, na região, desde o início de 2002.

global, ou seja: uma descida dos níveis relativos de emprego na Região do Norte e em Portugal, com alargamento da distância entre os valores regionais e os nacionais (mais desfavoráveis os primeiros).

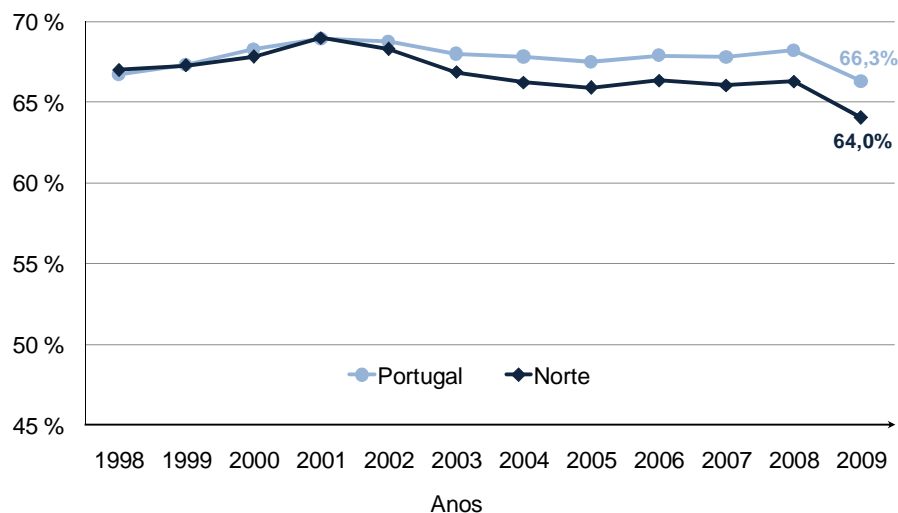


Figura 2 – Taxa de emprego global (Homens e Mulheres, 15 a 64 anos)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

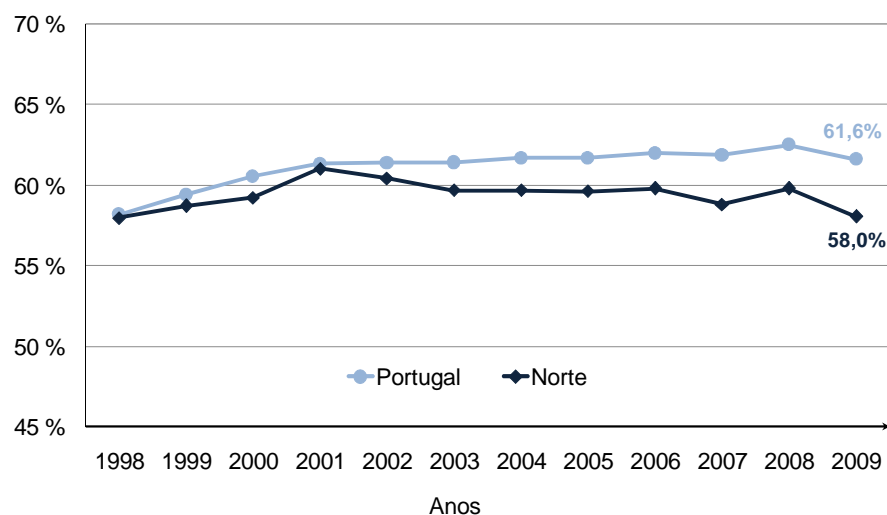


Figura 3 – Taxa de emprego das mulheres (15 a 64 anos)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

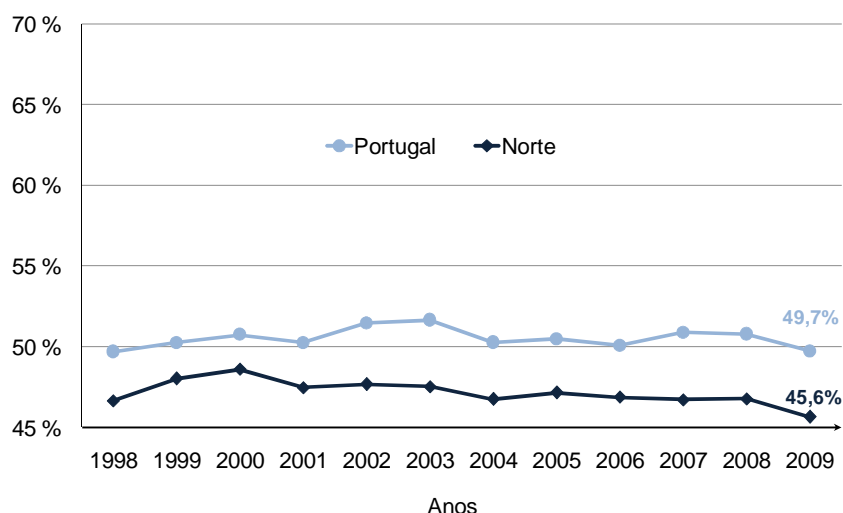


Figura 4 – Taxa de emprego dos 55 aos 64 anos (Homens e Mulheres)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Em 2009, o Norte voltou a ser a região NUTS II portuguesa com maior taxa de desemprego, posição que já tinha assumido em 2007 e da qual lograra sair em 2008. Além disso, o Norte registou, a seguir ao Algarve, o segundo maior agravamento da taxa de desemprego entre 2008 e 2009. No entanto, todas as regiões portuguesas de nível NUTS II registaram, em 2009, um novo máximo (desde há mais de uma década, pelo menos) no que se refere à taxa de desemprego.

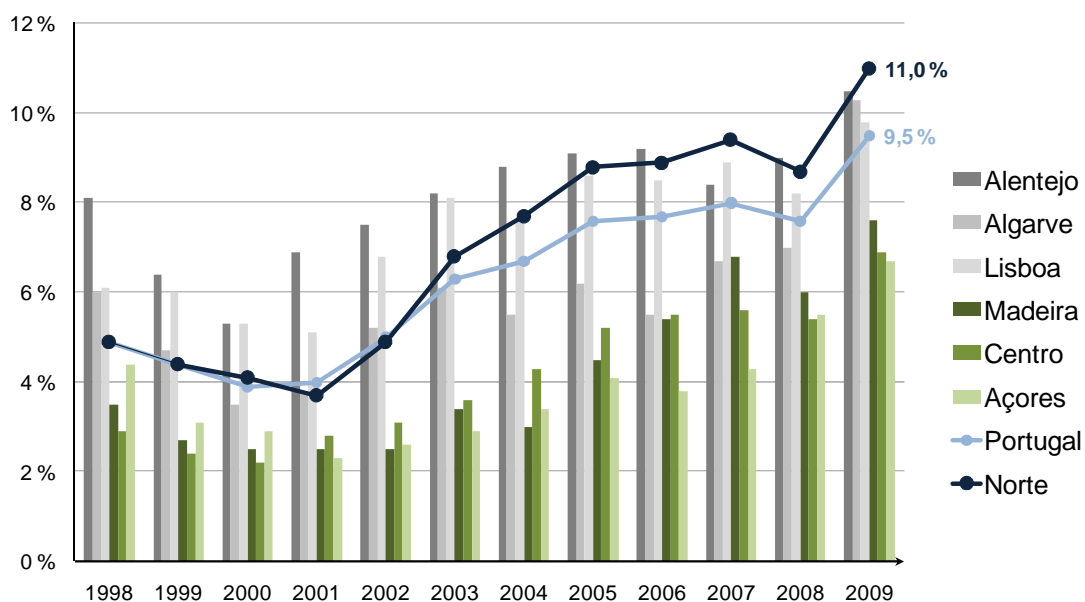


Figura 5 – Taxas de desemprego, por NUTS II (valor médio anual)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

A Figura 5 suscita ainda um outro comentário sobre o facto de o país se apresentar como que fracturado em dois grupos: por um lado, As Regiões do Centro, dos Açores e da

Madeira, com taxas de desemprego contidas entre 6,7% e 7,6%; por outro lado, as restantes regiões (Norte, Alentejo, Algarve e Lisboa), com níveis de desemprego acima da média nacional e bastante superiores aos do primeiro grupo (entre 9,8% e 11,0%).

A Figura 6 recorda a evolução dos níveis relativos de emprego e de desemprego, desde o ano 2000, em Portugal e na Região do Norte, apresentando a trajectória das taxas de emprego e de desemprego, sendo ambas calculadas para o grupo etário dos 15 aos 64 anos². Um ponto situado no quadrante superior esquerdo corresponde a elevadas taxas de emprego e a níveis baixos de desemprego entre os 15 e os 64 anos, por oposição aos pontos situados no quadrante inferior direito (caracterizados por elevado desemprego e baixas taxas de emprego para o mesmo grupo etário). Ao mesmo tempo, os pontos situados mais próximos do canto superior direito correspondem a taxas de actividade elevadas, enquanto os pontos situados mais junto ao canto inferior esquerdo, pelo contrário, traduzem menores taxas de actividade, sempre por referência ao grupo dos 15 a 64 anos de idade. Os segmentos de recta que surgem traçados a negro constituem isolinhas que representam diferentes combinações possíveis de valores da taxa de emprego e da taxa de desemprego dos 15 aos 64 anos, para determinados níveis constantes da taxa de actividade do mesmo grupo etário, nomeadamente para as taxas de actividade de 70% e de 75%.

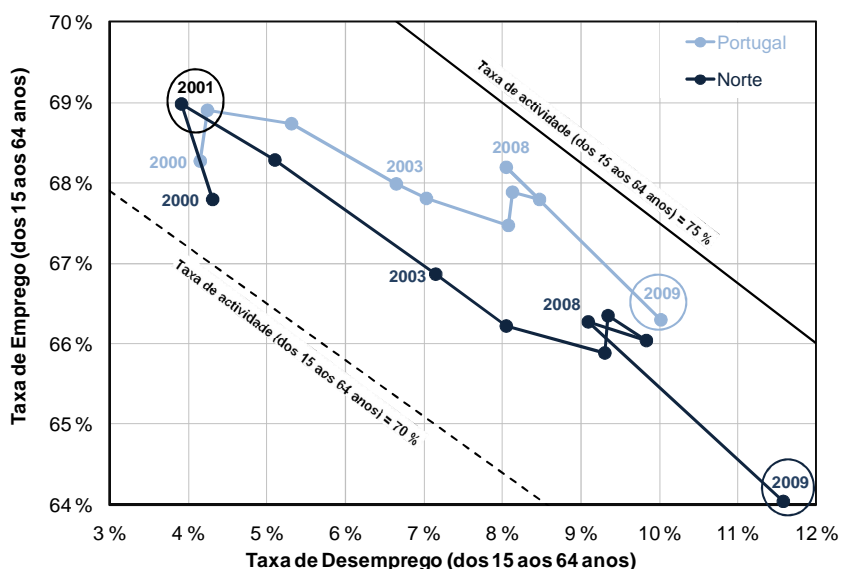


Figura 6 – Trajectória das taxas de emprego e de desemprego (15 aos 64 anos) Portugal e Região do Norte, 2000-2009

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

² Uma vez delimitado o grupo etário (15 a 64 anos), verifica-se que existe uma relação exacta entre as taxas de actividade, de emprego e de desemprego, dada por:

$$e = a \cdot (1 - d)$$

onde e representa a taxa de emprego, a é a taxa de actividade e d significa a taxa de desemprego, sempre com referência ao mesmo grupo etário.

A observação desta figura torna patente, tanto para a Região do Norte como para Portugal, que a evolução registada em 2009 se insere claramente na tendência que vinha sendo seguida desde 2001 e que, nos três anos anteriores, tinha sido possível conter. Os traços essenciais dessa tendência são a descida da taxa de emprego e o agravamento da taxa de desemprego.

Assim, na Região do Norte, a taxa de emprego (dos 15 aos 64 anos), entre 2008 e 2009, desceu, em valores médios anuais, de 66,3% para 64,0%; em simultâneo, a nível nacional, o mesmo indicador diminuiu de 68,2% para 66,3%. A Região do Norte sofreu, portanto, uma queda da taxa de emprego mais acentuada do que a do todo nacional, o que se torna ainda mais visível quando se considera um horizonte temporal mais alargado (2001 e 2009): em Portugal a taxa de emprego (15 a 64 anos) diminuiu 2,6 pontos percentuais, enquanto na Região do Norte recuou quase o dobro (menos 5 pontos percentuais).

Por seu turno, a taxa de desemprego específica dos indivíduos dos 15 aos 64 anos cresceu, entre 2008 e 2009, de 9,1% para 11,6% na Região do Norte e de 8,1% para 10,0% em Portugal. Também neste caso, a evolução mas desfavorável do Norte se insere numa tendência alargada: entre 2001 e 2009, o nível de desemprego do grupo etário dos 15 aos 64 anos cresceu 7,7 p.p. na região e 5,8 p.p. na média nacional.

Tanto para a Região do Norte como para Portugal, a evolução em 2009, face ao ano anterior, fica ainda marcada por um decréscimo de meio ponto percentual na taxa de actividade específica dos 15 aos 64 anos, a qual se fixou em 72,4% para a região e 73,7% no todo nacional.

Em síntese, no período recessivo de 2002 a 2003 o esforço de ajustamento estrutural foi particularmente exigente para a Região do Norte, confrontada com um modelo de crescimento que se encontrava esgotado e com a necessidade de promover novos factores da competitividade regional. A aposta num modelo de crescimento relativamente menos intensivo em mão-de-obra, alterou a dinâmica da relação entre crescimento económico e crescimento do emprego.

A actual crise, cujos efeitos no mercado de trabalho regional se fizeram sentir a partir de meados de 2008, surgiu num momento em que, apesar de o processo de ajustamento estrutural se encontrar ainda longe de concluído, a economia regional se encontrava de novo numa trajectória de crescimento económico continuado e quando o emprego regional começava também a reagir a essa dinâmica de crescimento. Apesar disso, em 2009, os efeitos da actual crise sobre o mercado de trabalho da região vieram, em grande parte, acrescer aos do anterior período recessivo, os quais não haviam ainda sido totalmente assimilados.

Tal como na crise anterior, o impacto sobre o mercado de trabalho da Região do Norte mostra-se mais acentuado do que a nível nacional, em grande parte devido ao facto de a

economia regional apresentar uma maior orientação exportadora e, portanto, uma maior dependência dos mercados externos. Significa isto que os desafios que já antes se colocavam à Região do Norte – na perspectiva de promover a sua competitividade e, com ela, o emprego – se apresentam hoje com uma importância redobrada. A economia regional necessita de continuar a reestruturar-se, necessita de o fazer de forma mais rápida e, sobretudo, necessita de o fazer no contexto de uma envolvente externa caracterizada por níveis de incerteza muito acrescidos e, por isso também, mais adversa. A evolução da conjuntura internacional e a resposta da Região do Norte a estes desafios condicionarão seguramente a evolução do emprego regional nos próximos anos.

2. Evolução do mercado de trabalho da Região do Norte em 2009



2.1. A oferta de mão-de-obra

A crise que, a partir de meados de 2008, se fez sentir no mercado de trabalho da Região do Norte, para além de ser visível na evolução do emprego e do desemprego, afectou também a própria oferta de mão-de-obra, uma vez que, perante a contracção do emprego, um certo número de indivíduos se retiraram do mercado de trabalho ou optaram por prolongar a sua vida escolar.

A oferta de mão-de-obra na Região do Norte, representada pela população activa, inverteu, em 2008 e 2009, a tendência de crescimento que vinha seguindo desde há muito, diminuindo em cerca de 16 mil indivíduos no espaço de dois anos (-0,2% em 2008 e -0,6% em 2009). A quase totalidade desta diminuição fez-se sentir sobre a mão-de-obra masculina.

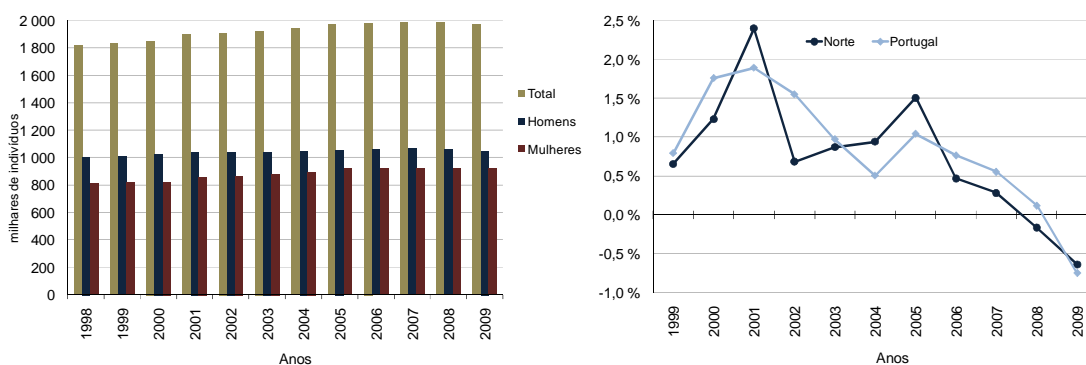


Figura 7 – População activa residente na Região do Norte, milhares de indivíduos e variação anual (%)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

A taxa de actividade global (em percentagem da população residente com 15 ou mais anos) tem-se mantido ligeiramente mais alta na Região do Norte do que na média nacional, embora esse diferencial se tenha reduzido nos dois últimos anos. Nos últimos três, foi apenas entre os homens que a Região do Norte registou níveis de participação na actividade económica superiores à média nacional.

Na última década, a proporção de activos menores de 25 anos sofreu, na Região do Norte, uma redução contínua, passando de 16,0% em 1999, para 9,7% em 2009. Ao contrário, a oferta de mão-de-obra entre os 45 e os 64 anos cresceu, no mesmo período, de 27,2% para 33,2% do total. O envelhecimento da população activa traduziu-se também no aumento da importância relativa do grupo dos 35 aos 44 anos (de 24,8% para 25,9%, ao longo de 10 anos) e correspondente descida do peso relativo do grupo dos 25 aos 34 anos (de 27,3% para 26,2%). A proporção de activos maiores de 65 anos tem-se mantido relativamente estável, oscilando em torno de 5%.

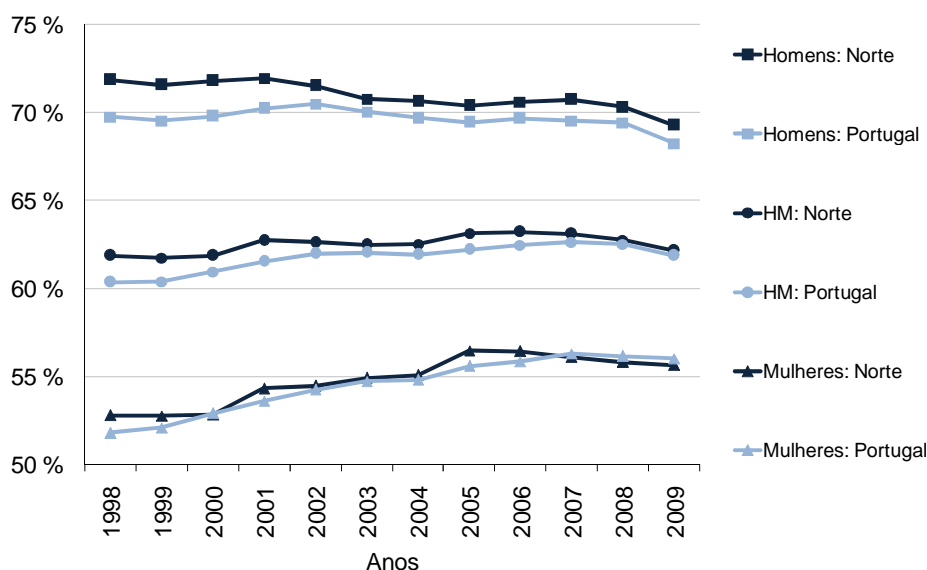


Figura 8 – Taxas de actividade (15 e mais anos), por género: Portugal e Norte

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

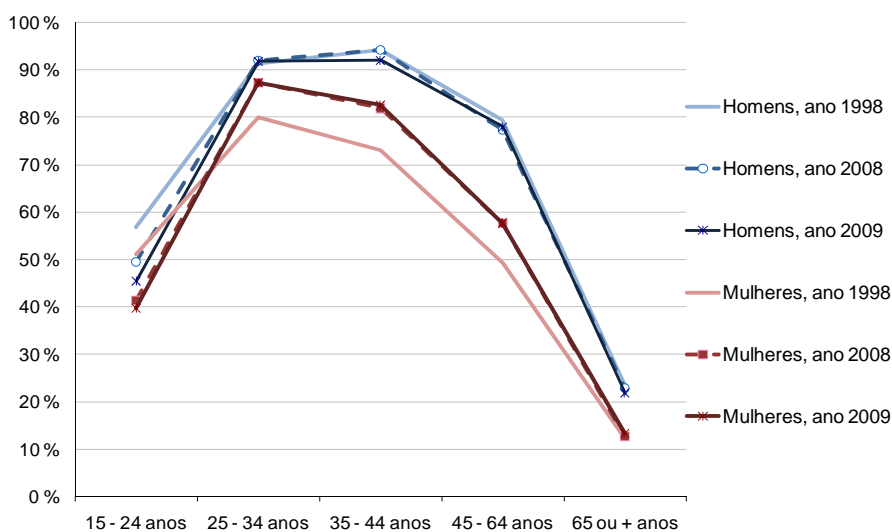


Figura 9 – Taxas de actividade específicas por género e grupo etário, na Região do Norte

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Apesar das melhorias evidentes no perfil de escolarização, em 2009 constatava-se ainda que 31,2% da mão-de-obra residente na Região do Norte tinha completado, no máximo, o 1º ciclo do ensino básico (proporção que, em 2008, era de 33,1%). Cerca de 53,2% não tinham completado, em 2009, a actual escolaridade mínima obrigatória (proporção que, em 2008, era de 55,6%). Em contraste, a proporção de activos com habilitação ao nível

do ensino superior tem vindo a aumentar, sendo em 2009 cerca de 13,6% (contra 12,8% em 2007).

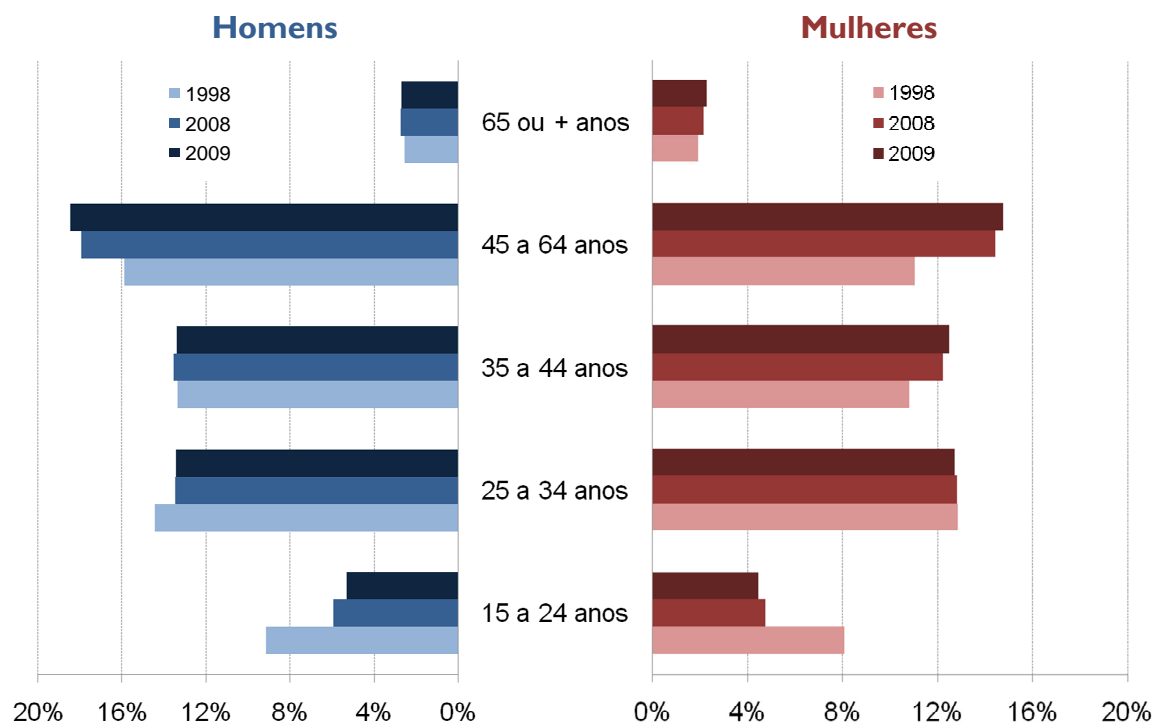


Figura 10 – Pirâmides etárias da população activa da Região do Norte (em percentagem do total de população activa)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

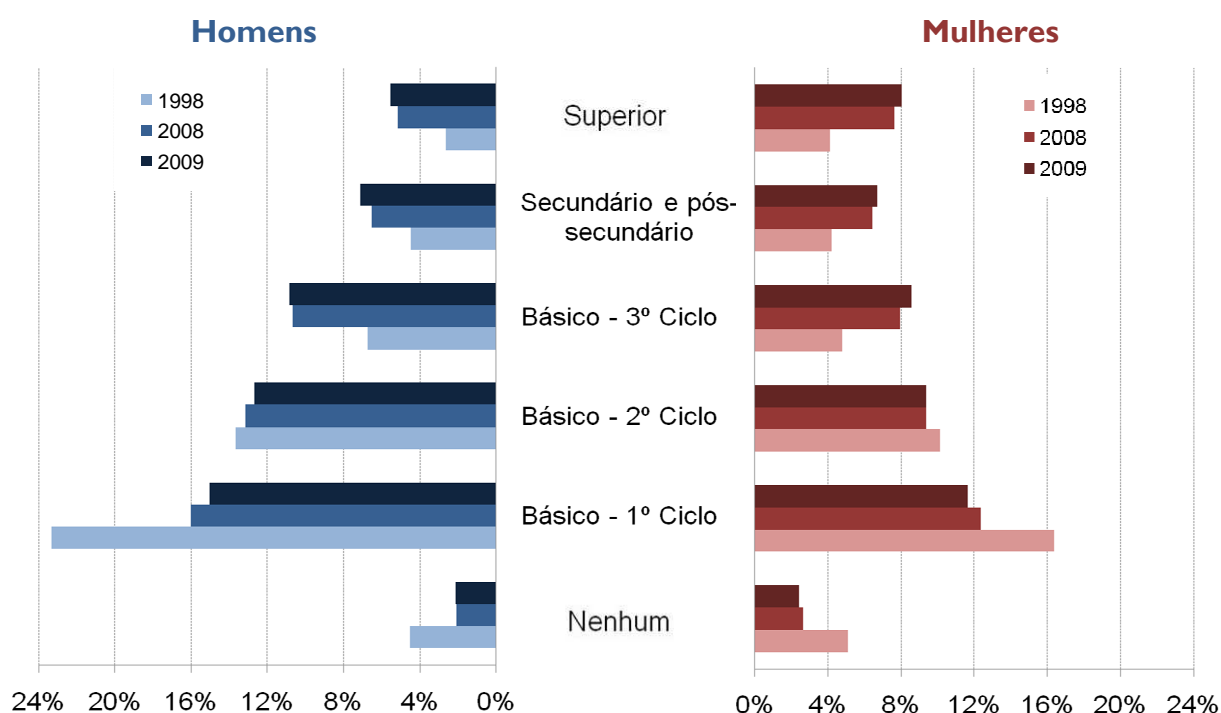


Figura 11 – Estrutura da população activa da Região do Norte, por nível de escolaridade completo, segundo o género (em percentagem do total de população activa)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

2.2. O emprego

O volume de emprego na Região do Norte entrou em queda no segundo semestre de 2008, tal como sucedeu a nível nacional. Apesar disso, o bom desempenho da primeira metade do ano permitiu que, na média anual, 2008 fosse ainda um ano de crescimento do emprego: na Região do Norte, o emprego (valor médio anual) registou, então, um crescimento de 0,6% – o qual, sendo modesto, era o mais favorável após a recessão de 2002/2003. Em 2009, porém, a perda de empregos fez-se sentir de forma bastante acentuada, quer a nível nacional, quer, sobretudo, no Norte do país.

O valor médio anual da população empregada residente na Região do Norte, em 2009, fixou-se em cerca de 1 milhão e 754 mil indivíduos, tendo diminuído 3,2% face a 2008. Com esta queda, o volume de emprego da Região do Norte como que recuou 10 anos, para um nível semelhante ao registado em 1999. A nível nacional, a queda do emprego foi relativamente menos acentuada: -2,8%, recuando para um patamar intermédio entre os valores de há oito ou nove anos atrás.

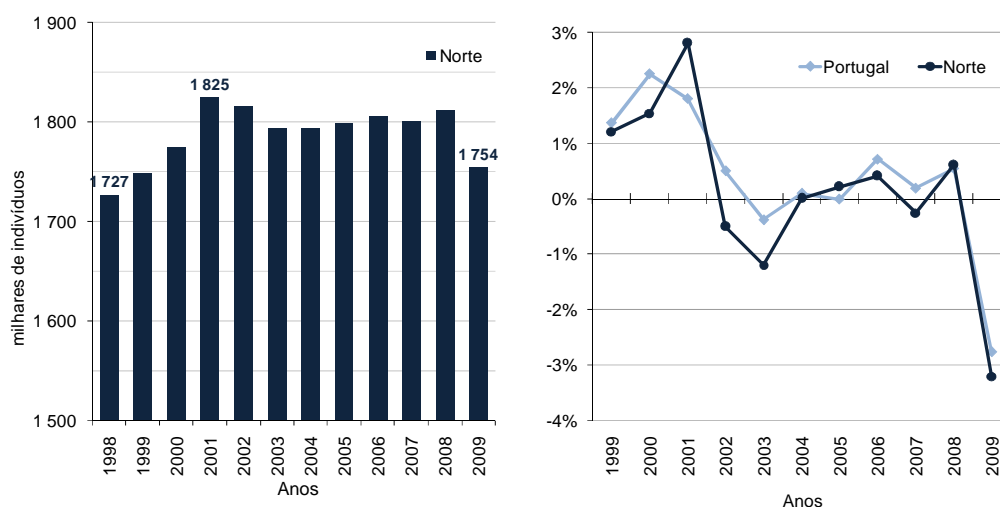


Figura 12 – População empregada residente na Região do Norte, em milhares de indivíduos e variação anual (%)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Em termos absolutos, o valor médio anual da população empregada residente no Norte totalizava, em 2009, menos 58 mil indivíduos do que em 2008, sendo pois essa a medida da destruição líquida de emprego, na região, em 2009 – superando o efeito da recessão de 2002/2003 que provocou, em dois anos, uma perda líquida de cerca de 31 mil empregados entre os residentes na Região do Norte.

A maior perda de empregos ocorreu nas indústrias transformadoras da região, que em 2009 empregavam, em média, cerca de 431 mil indivíduos (menos 28 mil do que em 2008). A perda de importância deste sector na Região do Norte tem sido praticamente uma constante nos últimos anos. Entre 2001 e 2009, o sector transformador perdeu cerca de 127 mil empregados.

Além das transformadoras, destacam-se a contracção do emprego no ramo de actividade de alojamento, restauração e similares (que em 2009 empregava, em média, menos 10 mil indivíduos do que em 2008, na Região do Norte) e na construção (igualmente com menos 10 mil empregados). Refira-se ainda a perda de empregos num conjunto de “outros serviços” essencialmente constituído pelos indivíduos empregados ao serviço das famílias (cerca de menos 7 mil, de 2008 para 2009) e no sector primário (agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca, com menos 6 mil indivíduos).

Com ganhos de emprego em 2009, na Região do Norte, destacam-se sobretudo a educação (mais 5 mil empregados do que em 2008, em média) e os transportes e armazenagem (igualmente com mais 5 mil empregados).

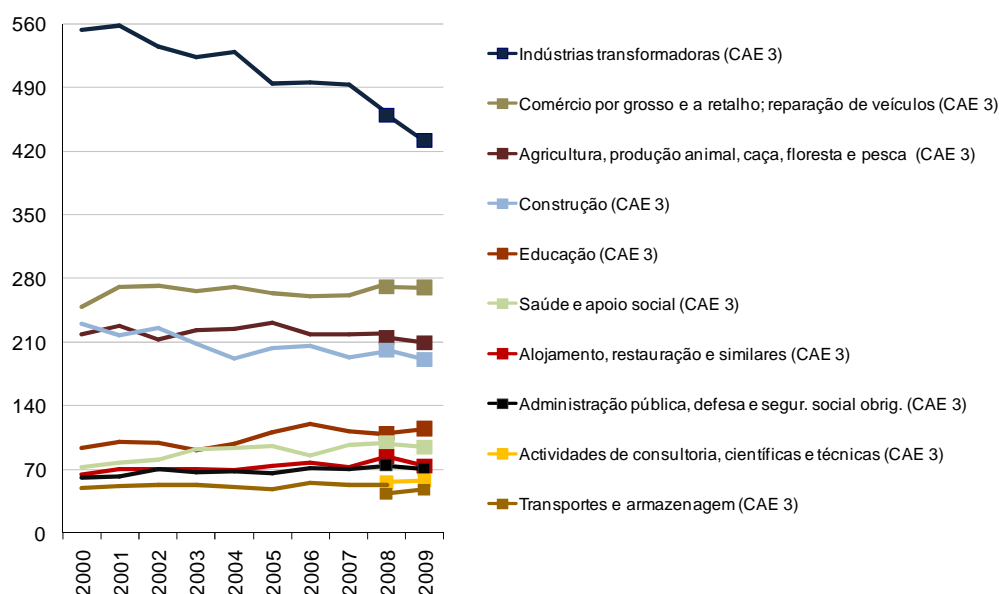


Figura 13 – População empregada nos principais sectores empregadores da Região do Norte³

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Assim, em 2009, o sector terciário voltou a reforçar a sua importância relativa no emprego regional, passando a representar, em média, 51,4% do total (mais 1,3 pontos percentuais do que em 2008). O comércio, com 15,4% do emprego total da Região do Norte, foi, em 2009, o ramo de actividade mais representativo do sector terciário, seguido pela educação (6,5%) e pela saúde e apoio social (5,4%).

Por seu turno, o sector secundário voltou a perder importância relativa, representando em 2009 cerca de 36,7% do emprego da Região do Norte (menos 1,3 pontos percentuais do que em 2008). As indústrias transformadoras asseguravam, em 2009, cerca de 24,6% do emprego regional, enquanto a construção respondia por 10,9% do total.

O sector primário ocupava, em 2009, 11,9% dos indivíduos empregados residentes na Região do Norte.

³ Existe uma ruptura de série a partir de 2008. Até esse ano a informação refere-se à CAE 2.1. No ano seguinte, os dados respeitam à CAE (3) revista. Optou-se, ainda, pelas designações respeitantes a essa última versão da CAE.

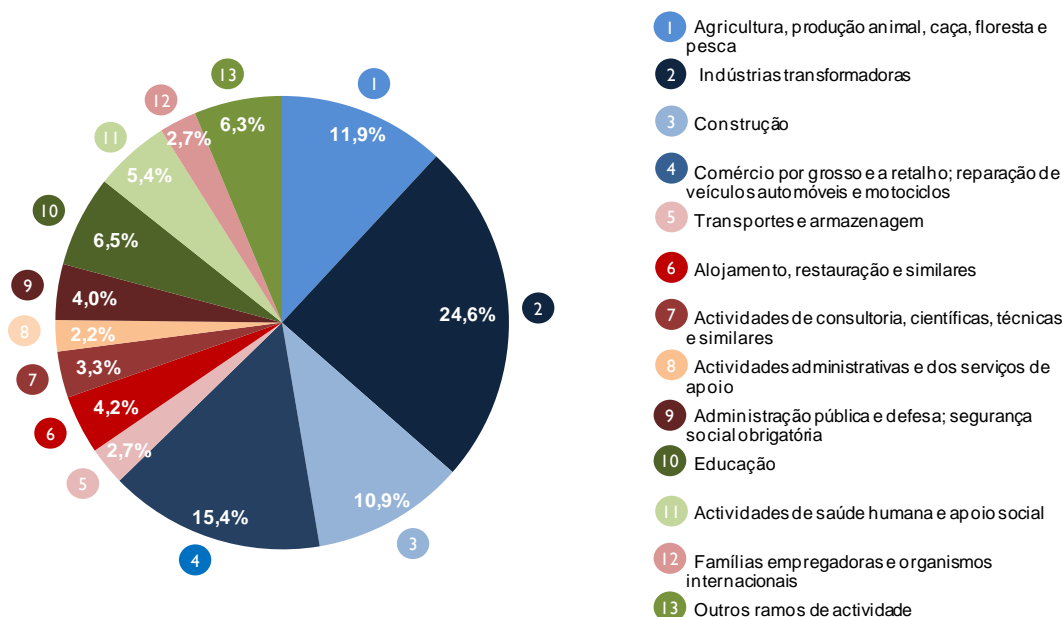


Figura 14 – Estrutura sectorial (CAE 3) da população empregada da Região do Norte - 2009

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Em termos relativos, a contracção do emprego afectou particularmente aqueles trabalhadores por conta de outrem que se encontravam ao abrigo de um contrato com termo, fazendo com que a importância relativa deste grupo se tenha reduzido, entre 2008 e 2009, de 12,3% para 11,8%. Esta evolução contrariou a tendência dos quatro anos anteriores, período no qual os trabalhadores por conta de outrem com contrato com termo tinham passado de 8,7% (em 2004) para 12,3% do total (em 2008). A proporção de indivíduos a trabalhar por conta de outrem na Região do Norte fixou-se, na média anual de 2009, em 74,3% da população empregada (apenas uma décima de ponto percentual abaixo do verificado em 2008). Assinale-se, porém, que todas as categorias de situação na profissão sofreram uma redução no número de empregados em 2009.

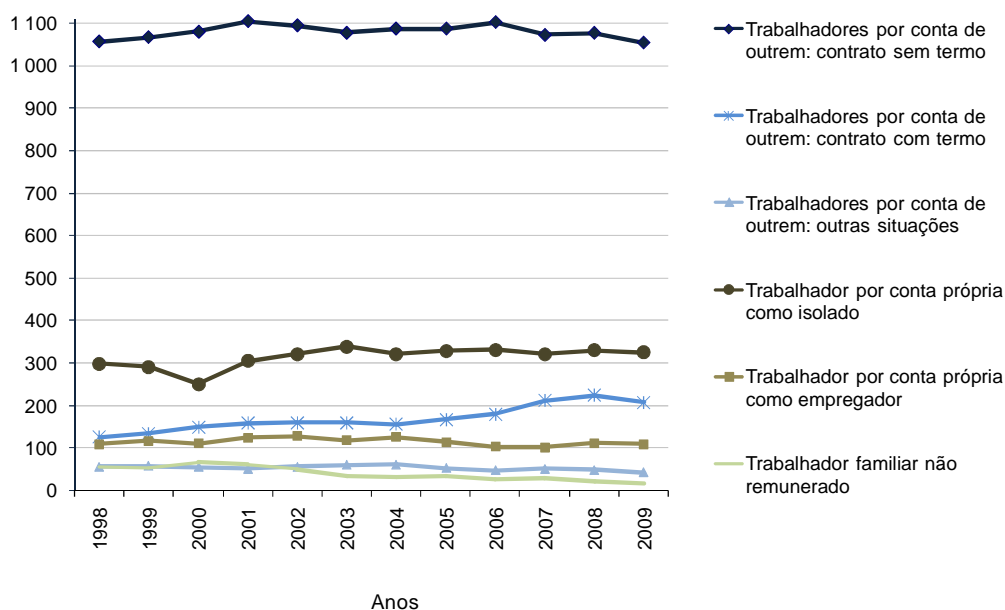


Figura 15 – População empregada na Região do Norte, por situação na profissão

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

As taxas de assalariados e de assalariados com contrato com termo mostram-se decrescentes com a idade. Com menos de 25 anos, na Região do Norte, 19 em cada 20 indivíduos empregados (94,6%) trabalham por conta de outrem – proporção que, para os maiores de 44 anos, se reduz a menos de 12 em cada 20 (58,3%). Ao mesmo tempo, apenas 3,7% dos empregados maiores de 44 anos trabalhavam, em 2009, por conta de outrem mediante um contrato com termo, ao passo que entre os menores de 25 anos essa proporção era de 38,6%.

Por ramos de actividade – em 2009, para a Região do Norte – as maiores taxas de assalariados observaram-se na administração pública, defesa e segurança social obrigatória (com 99,1% dos empregados a trabalhar por conta de outrem), na educação (97,4%), na saúde e apoio social (92,9%), nas indústrias transformadoras (91,1%) e nos transportes e armazenagem (89,6%).

Os ramos de actividade com maiores taxas de assalariados contam-se também, na maior parte dos casos, entre os que detêm maior proporção de empregados abrangidos por um contrato com termo – aspecto em que a educação se destaca, com quase um quarto do efectivo total (23,8%) enquadrado por um contrato desse tipo. O sector transformador, porém, contraria aquela regra, pois apenas um décimo dos seus trabalhadores se encontravam abrangidos por um contrato com termo.

Além das transformadoras, também o comércio, as actividades de consultoria, científicas e técnicas e mesmo o sector do alojamento e restauração, se destacavam por proporções

relativamente baixas (entre 10% e 13%) de trabalhadores com contrato com termo – mas, nestes casos, apresentando em simultâneo baixas taxas de assalariados (entre 65% e 68%). No sector primário, os trabalhadores por conta de outrem existem apenas numa proporção aproximada de um em cada nove.

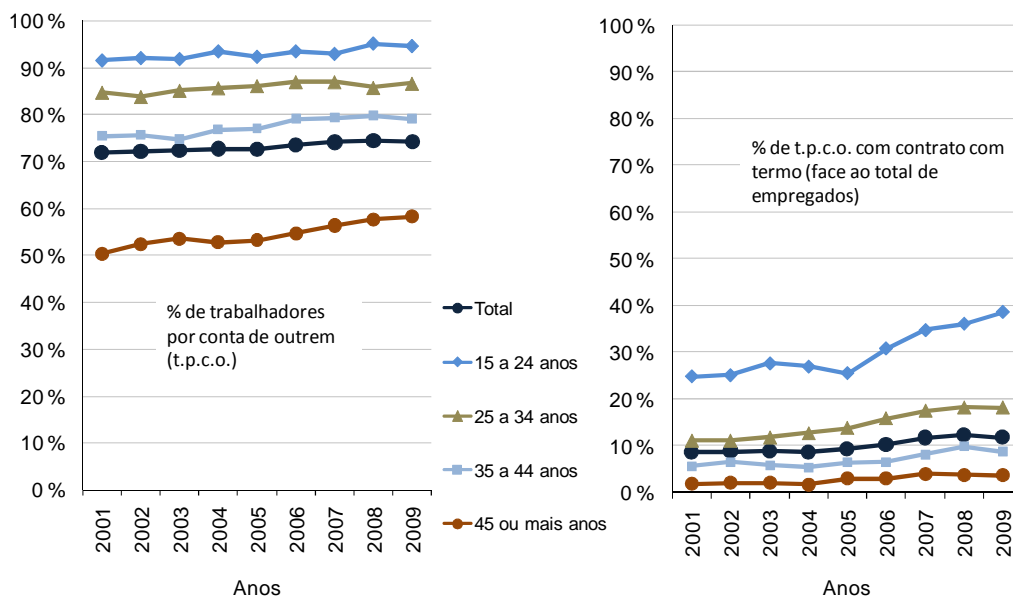


Figura 16 – Relação contratual por grupo etário, na Região do Norte

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

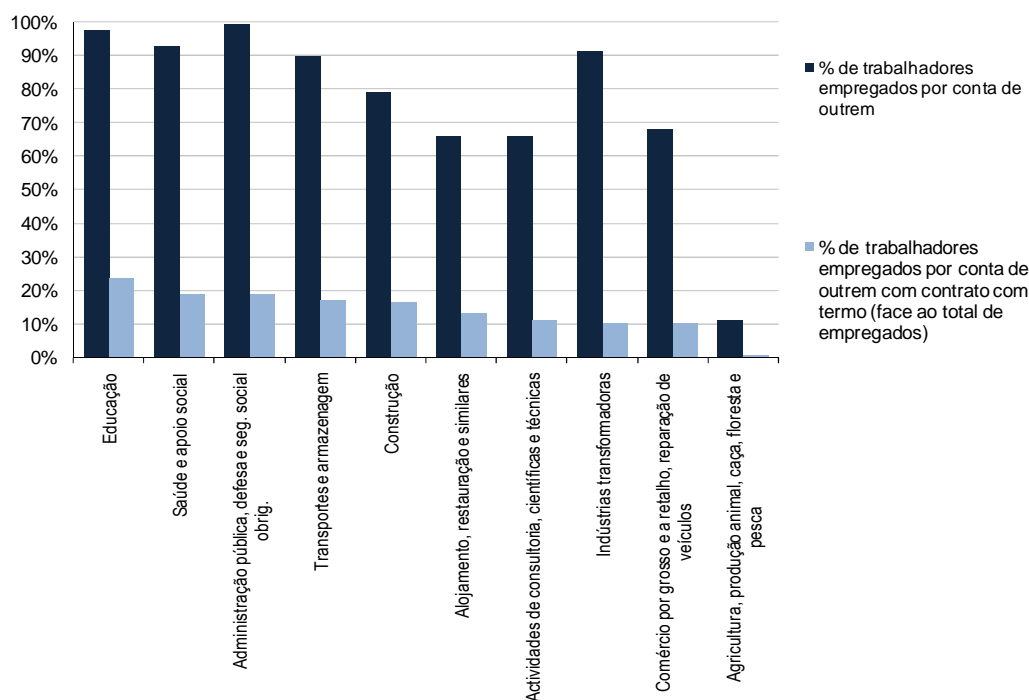


Figura 17 – Relação contratual por ramo de actividade, na Região do Norte (2009)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

2.2.1. Subemprego visível

Embora mantendo-se como um fenómeno de reduzida expressão estatística, o subemprego visível conheceu uma tendência crescente praticamente ininterrupta, na Região do Norte, entre 2001 e 2008, período durante o qual terá ajudado a conter o desemprego. Em 2009, porém, essa tendência foi invertida, mostrando que os trabalhadores que se encontravam em situação de subemprego foram mais facilmente atingidos pelo crescimento do desemprego, numa demonstração empírica da proximidade entre subemprego e desemprego. Em 2009, na Região do Norte, o número médio de indivíduos em situação de subemprego visível foi cerca de 26 mil (-19,4% do que em 2008). Em termos relativos, o subemprego visível, na Região do Norte, afectava, em 2009, cerca de 14,7 em cada mil indivíduos empregados (17,7 por mil em 2008). Nos últimos sete anos, o subemprego teve maior expressão relativa na Região do Norte, do que a nível nacional.

O retrato do subemprego visível na Região do Norte apresenta traços bem definidos: em 2009, em média, 70,9% dos indivíduos em subemprego trabalhavam no sector terciário, 67,8% possuíam, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico e 62,0% eram mulheres (sendo que 43,4% do total eram mulheres que possuíam, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico).

Conceito de subemprego

A expressão “subemprego visível” designa o total de indivíduos que, num determinado período de referência, têm um trabalho cuja duração habitual é inferior à duração tida por normal do posto de trabalho e que, além disso, declaram pretender trabalhar mais horas⁴.

Trata-se, portanto, de indivíduos que estão empregados, embora sem fazer uso completo da sua capacidade de trabalho. Daí, a ideia de subemprego. Por outro lado, trata-se de indivíduos que declaram desejar trabalhar mais horas. Como tal, estas situações, apesar de não se confundirem com o desemprego, não deixam de representar algum excesso de oferta no mercado de trabalho (sob a forma de uma oferta de mão-de-obra que é apenas parcialmente absorvida pela procura existente). O subemprego distingue-se, por isso, daquelas situações de trabalho a tempo parcial que correspondem a uma opção (ainda que condicionada) do trabalhador motivada pelo desejo ou necessidade de conciliar uma actividade profissional com outras actividades (por exemplo, com a vida familiar) e nas quais não há a expressão de uma vontade de trabalhar mais horas.

De um ponto de vista teórico, o subemprego apresenta pontos de contacto quer com o emprego, quer com o desemprego, sendo frequentemente uma categoria de transição. Em termos empíricos, porém, os indivíduos em situação de subemprego visível encontram-se classificados, nas fontes estatísticas, entre a população empregada.

⁴ A definição rigorosa do conceito utilizado pelo Instituto Nacional de Estatística pode ser consultada em <http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos>

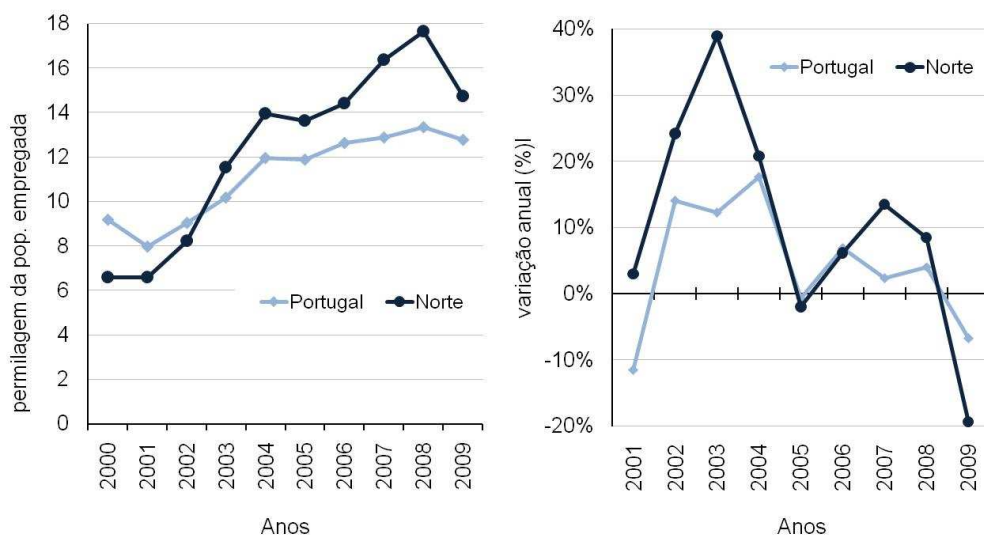


Figura 18 –Subemprego visível

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

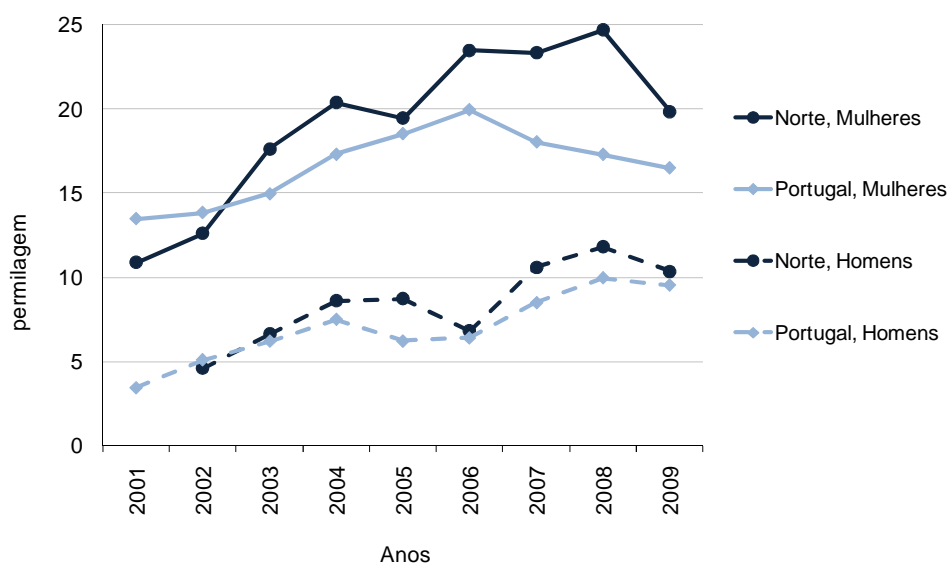


Figura 19 – Subemprego visível, por género (em per milagem da população empregada)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

2.3. O desemprego

A média anual da população desempregada residente na Região do Norte aumentou, em 2009, face ao ano anterior, em cerca de 45 mil indivíduos (+26,4%). Este aumento do desemprego na região veio retomar a tendência que seguida entre 2001 e 2007 e que havia sido interrompida em 2008 (ano em que o número de desempregados na Região do Norte havia diminuído em cerca de 14 mil indivíduos, equivalentes a -7,7%). Os cerca de 217 mil desempregados que, de acordo com o INE, residiam na Região do Norte em 2009 (valor médio anual), correspondiam a 41% do total nacional.

O contributo mais significativo para o crescimento, em 2009, do número médio anual de desempregados, foi dado, na Região do Norte, pelo aumento do número de desempregados oriundos das indústrias transformadoras (mais cerca de 28 mil indivíduos do que em 2008), seguido pelas subidas do número de desempregados provenientes do comércio (mais 6 mil desempregados do que em 2008) e de outros sectores (mais cerca de 8 mil indivíduos desempregados).

O aumento do número médio anual de desempregados na Região do Norte, em 2009, foi mais acentuado entre os homens (mais 24 mil desempregados, um crescimento de 30,9%), do que entre as mulheres (mais 21 mil desempregadas, o equivalente a +22,7%). A proporção de mulheres face ao total de desempregados, que em 2007 havia atingido, na Região do Norte, um máximo de 59,4%, reduziu-se nos dois anos seguintes, primeiro para 54,0% (em 2008) e depois para 52,4% (em 2009).

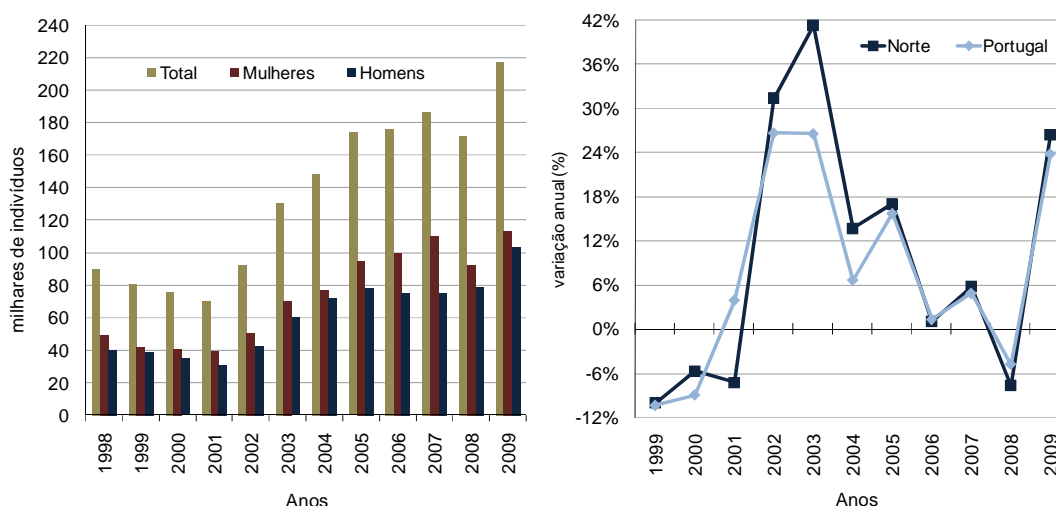


Figura 20 – População Desempregada residente na Região do Norte

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

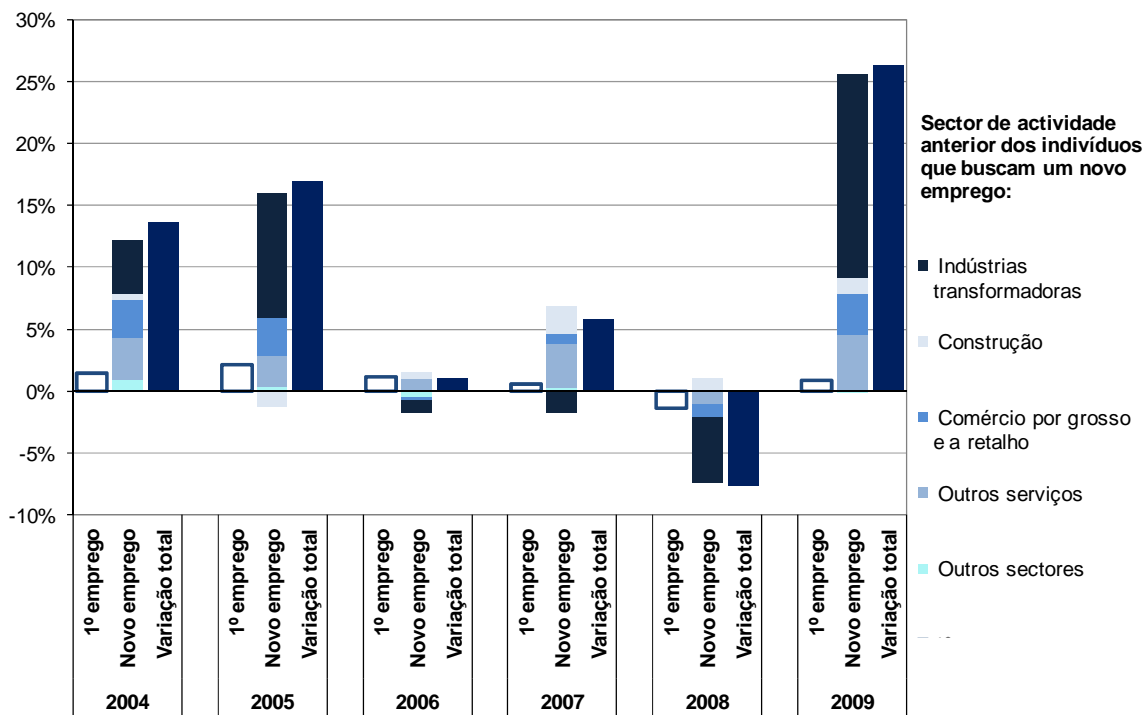


Figura 21 – Contributos para a variação percentual anual da população desempregada residente na Região do Norte, segundo a procura do primeiro ou de um novo emprego (2004-2009)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

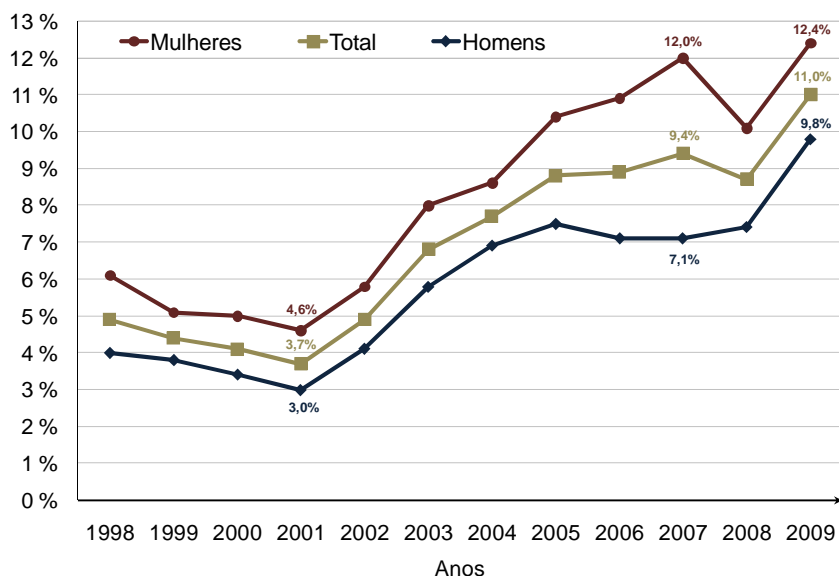


Figura 22 – Taxas de desemprego na Região do Norte, por género

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

A taxa de desemprego média anual registada em 2009, na Região do Norte, foi de 11,0%, valor que representa um novo máximo histórico e que significa também um forte agravamento, quer em termos anuais (face ao valor de 8,7% em 2008), quer face ao anterior máximo (que era de 9,4%, em 2007). A nível nacional, a taxa de desemprego média em 2009 foi de 9,5%. O diferencial entre os níveis relativos de desemprego em Portugal e na Região do Norte cifrou-se, portanto, em 1,5 pontos percentuais, sendo o mais elevado de que há registo.

A subida da taxa de desemprego na Região do Norte, em 2009, fez-se sentir de modo semelhante na taxa masculina (que passou de um valor médio de 7,4% em 2008, para 9,8% em 2009) e na feminina (de 10,1% para 12,4%, neste caso anulando por completo a descida que tinha sido registada em 2008). Apesar de ambas as taxas (masculina e feminina) terem alcançado em 2009 novos máximos históricos, existe uma diferença importante: enquanto a taxa de desemprego masculina ultrapassou largamente o anterior registo máximo (que era de 7,5% no ano de 2005), a taxa feminina ficou apenas quatro décimas de p.p. acima do registo de 2007.

A taxa de desemprego feminina, além de ser estruturalmente mais elevada, vinha conhecendo maiores oscilações, na Região do Norte, nos últimos anos. No período de 2004 a 2008, a taxa de desemprego feminina variou, em termos médios anuais, entre 8,6% e 12,0%, ao passo que, no mesmo período, o desemprego masculino apenas oscilou entre 6,9% e 7,5%. Este foi, portanto, um período durante o qual os ajustamentos pela quantidade no mercado de trabalho da Região do Norte, como forma de resposta às flutuações da conjuntura, incidiram, de modo fortemente preferencial, sobre a mão-de-obra feminina. Em 2009, porém, o cenário foi outro: a mão-de-obra masculina da Região do Norte não mais mostrou estar particularmente protegida face ao agravamento do desemprego. Esta circunstância leva a supor que, ao contrário de experiências anteriores, a vaga de desemprego de 2009 poderá ser o resultado de alterações mais profundas (no mercado de trabalho e no tecido produtivo da região), do que as ocorridas em anos anteriores.

Por outro lado, a taxa de desemprego regional registou, em 2009, novos máximos em todos os grupos etários, com realce para o estrato dos 15 aos 24 anos, que além de continuar a registar a maior incidência do desemprego, foi também aquele onde se observou o maior agravamento da taxa de desemprego entre 2008 e 2009 (de 16,2% para 21,9%, em valores médios anuais).

Entre os activos habilitados com formação ao nível do ensino superior, os níveis de desemprego na Região do Norte diminuíram: a taxa média de desemprego em 2009 foi de 8,4% (valor que compara com os 9,3% de 2008). Desta forma, o grupo dos indivíduos com formação superior voltou, em 2009, a destacar-se por exibir os menores níveis de desemprego da Região do Norte – o que não sucedera em 2008.

O grupo dos trabalhadores com formação ao nível do ensino básico (ou mesmo inferior) foi aquele que, em 2009, registou o maior agravamento da taxa de desemprego na Região do Norte (de 8,4% para 11,4%, em valores médios anuais). O ensino secundário continuou a ser, na Região do Norte, o nível de formação associado a maiores taxas de desemprego, embora em 2009 com um registo (11,5%) praticamente coincidente com o observado para o grupo com menores habilitações.

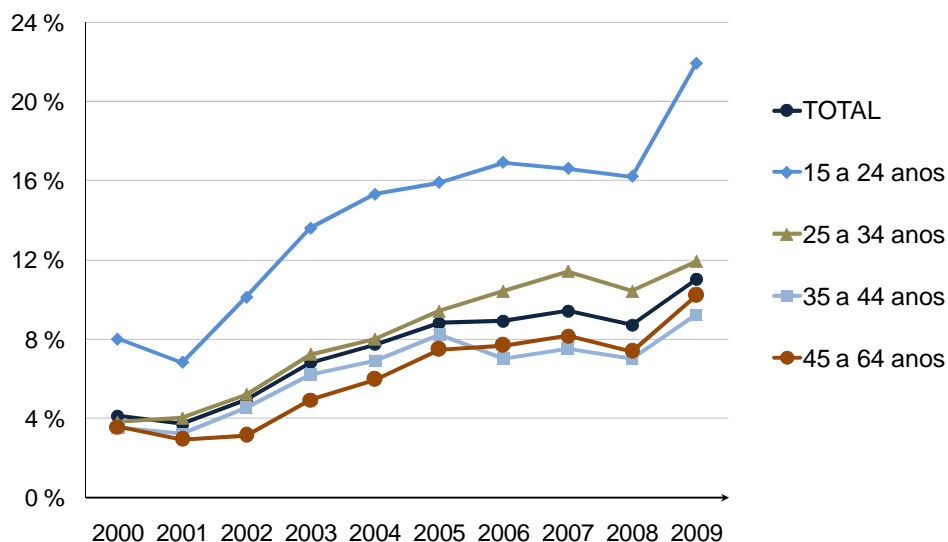


Figura 23 – Taxas de desemprego na Região do Norte, por grupo etário
 Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

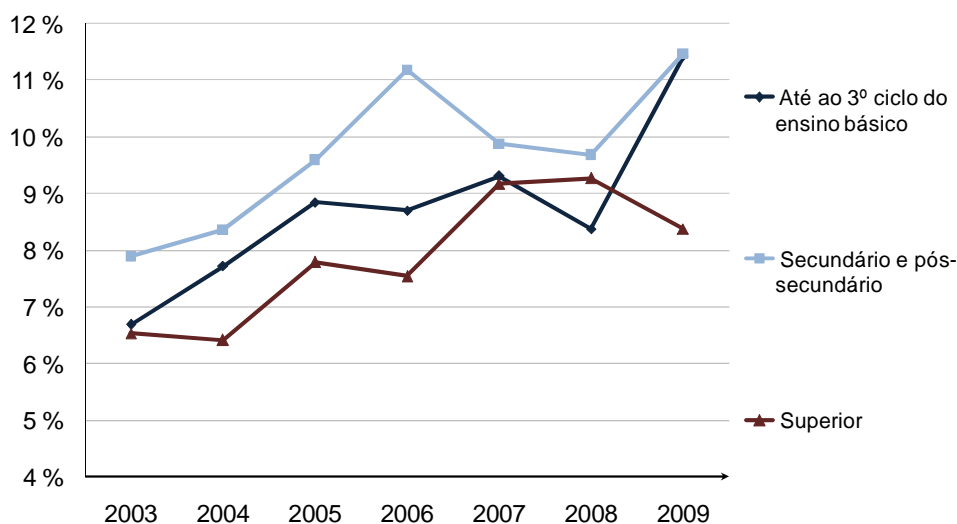


Figura 24 – Taxas de desemprego na Região do Norte, por nível de instrução
 Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Os indicadores de desemprego de longa duração, por serem expressos em proporção do total de desempregados, registaram em 2009 uma redução que espelha, em parte, o impacto do próprio crescimento da população desempregada. Esse efeito foi sentido sobretudo no que se refere à proporção de desempregados há mais de um ano, sendo, pelo contrário, mais mitigado no caso da proporção de desempregados de muito longa duração (superior a dois anos). Em todo o caso, o desemprego de longa duração continuou a ter, na Região do Norte, uma incidência relativa superior à média nacional. Em 2009, em média, 49% dos desempregados do Norte estavam nessa situação há mais de um ano – aí se incluindo 30% de desempregados que o eram há mais de dois anos.

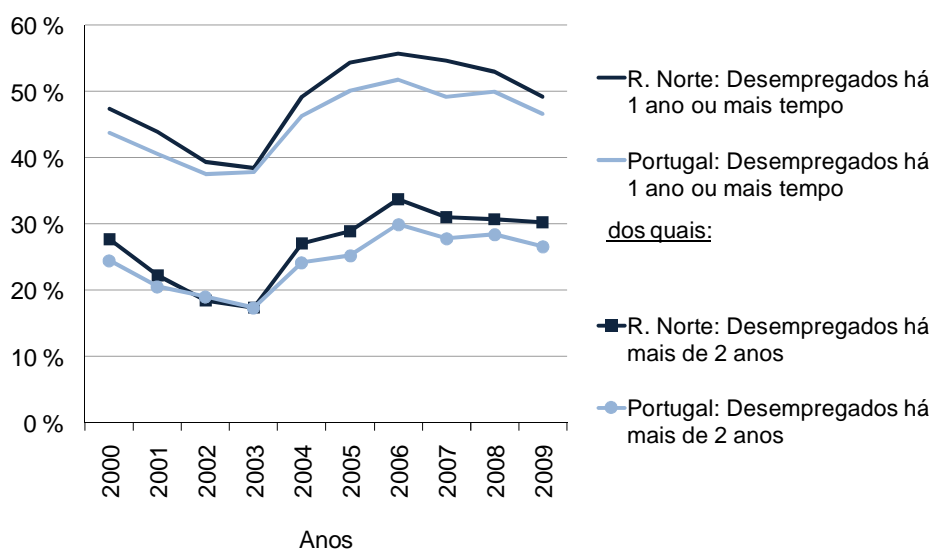


Figura 25 – Desemprego de longa duração (em proporção do total de desempregados)

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

O desemprego de longa duração aparece fortemente relacionado com a idade. Na Região do Norte, para o grupo dos activos com 45 ou mais anos, os desempregados de longa duração (desempregados há mais de um ano) eram, em 2009, quase dois terços do total (65,3%) – proporção, mesmo assim, inferior à observada, para o mesmo grupo, em 2008 (70,0%).

2.3.1. Desemprego Registrado: a dimensão local do desemprego

O Desemprego Registrado, apurado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (medida que corresponde ao número de desempregados inscritos nos Centros de Emprego do IEFP) observou, em 2009, na Região do Norte, um valor médio anual (218 mil) muito semelhante à estimativa média de população desempregada apresentada pelo INE (217 mil), o que sucedeu pelo terceiro ano consecutivo.

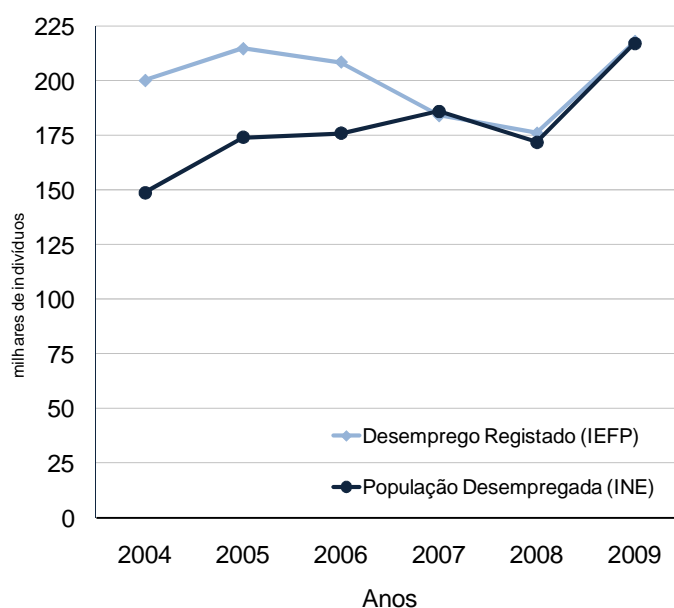


Figura 26 – Desemprego Registrado (IEFP) versus População Desempregada (INE) na Região do Norte

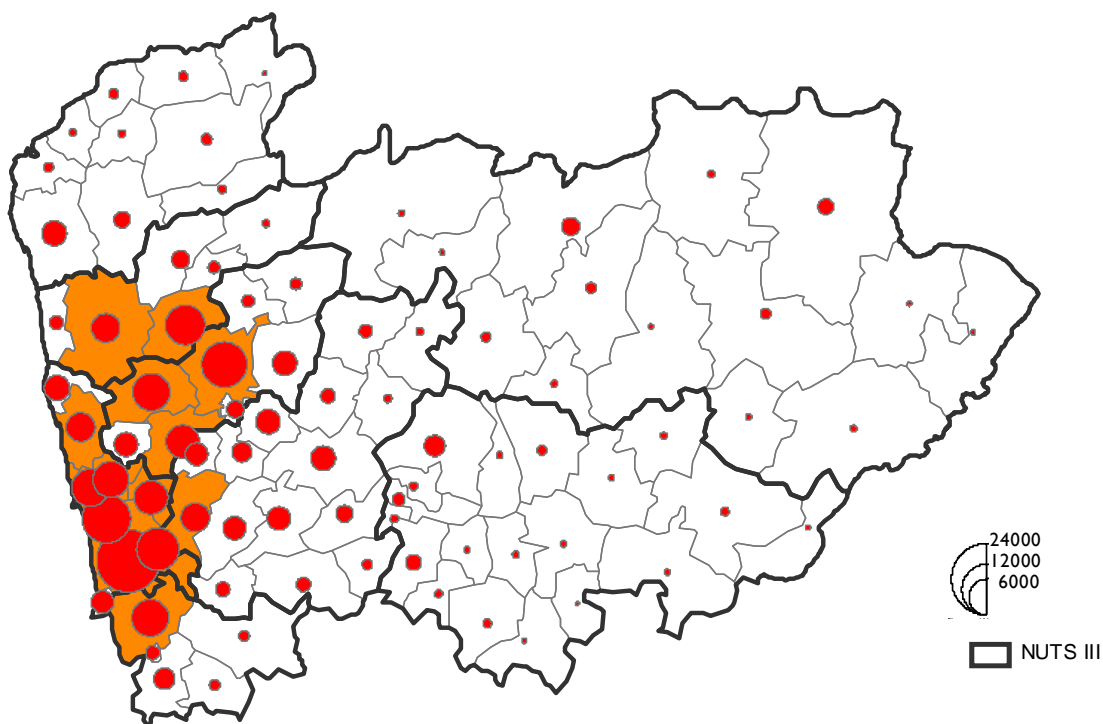
Fonte: INE, Estatísticas do Emprego e IEFP, Desemprego Registrado

A distribuição do desemprego registrado apresenta uma forte concentração territorial. Os municípios nos quais reside um maior número de desempregados inscritos no IEFP formam um contínuo territorial, abarcando o corpo central da Área Metropolitana do Porto (AMP), alguns dos seus concelhos limítrofes e ainda alguns municípios mais distantes situados no Ave e Cávado.

Em primeiro lugar, surge, de forma destacada, Vila Nova de Gaia, que em 2009 contava, em média, com cerca de 24.000 desempregados residentes. O grupo dos cinco concelhos do Norte com maior número de residentes no desemprego registrado, incluía ainda o Porto (cerca de 14.300 desempregados, em média anual), Guimarães (cerca de 12.500), Gondomar (aproximadamente 10.900) e Braga (perto de 9.600).

Com perto de 8.000 desempregados, contavam-se quatro concelhos, nomeadamente Vila Nova de Famalicão (cerca de 8.400), Matosinhos (*idem*), Santa Maria da Feira (próximo de 8.300) e Maia (cerca de 7.900). Surgem depois dois concelhos com pouco menos de 7.000 desempregados, designadamente Valongo (cerca de 6.900) e Santo Tirso (cerca de 6.800). Finalmente, há a referir três municípios com 5.000 a 5.100 desempregados, nomeadamente Paredes, Vila do Conde e Barcelos. Todos os restantes apresentavam, em 2009, um valor médio anual inferior a 3.900 desempregados.

Os 14 municípios acima identificados (todos com um valor médio superior a cinco mil desempregados em 2009) encontram-se identificados na Figura 27 através de um sombreado laranja. No seu conjunto, em 2009, estes 14 municípios totalizavam 61,1% do desemprego registado médio anual da Região do Norte. Por outras palavras, em média, no ano de 2009, esta mancha territorial concentrava mais de um quarto (26,8%) do total do desemprego registado a nível nacional.



**Figura 27 – Desemprego Registado – média anual de 2009
(desempregados inscritos nos Centros de Emprego, por concelho de residência)**

Fonte: IEFP, Desemprego Registado por concelhos

Para além do total de desempregados inscritos, interessa avaliar também a sua incidência relativa, à escala local. A análise do número de inscritos escamoteia a dimensão populacional de cada concelho. O Indicador Local de Desemprego Registado (ILDR)

relaciona o total (médio anual) de desempregados inscritos no IEFP residentes num dado território, com a estimativa de população média dos 15 aos 64 anos residente nesse mesmo território (estimativa demográfica disponibilizada pelo INE⁵). Este indicador é apresentado sob a forma de uma relação percentual. É absolutamente fundamental frisar que não se trata de uma taxa de desemprego, uma vez que se trata de uma percentagem calculada sobre o total da população residente dos 15 aos 64 anos e não sobre a população activa⁶ (como teria de ser no caso de se tratar uma taxa de desemprego). Como tal, não é legítimo chamar taxa de desemprego ao ILDR, nem sequer estabelecer comparações entre o resultado deste Indicador num dado concelho e a taxa de desemprego observada na região ou no país.

O cálculo do ILDR apresenta, para o total da Região do Norte, no ano de 2009, o valor médio de 8,44%. Apesar de correlacionáveis, mais uma vez se sublinha que não pode se confundir este número e o valor da taxa de desemprego da Região do Norte em 2009, que, recordamos, foi de 11,0%.

Na Figura 28, as três tonalidades mais escuras identificam os municípios nos quais o ILDR apresentava, em 2009, um valor superior à média da Região do Norte. Constata-se que, com excepção de Freixo de Espada à Cinta e de Torre de Moncorvo, os restantes concelhos que registam valores particularmente elevados deste Indicador (acima da média regional de 8,44%) apresentam alguma concentração geográfica, num território, delimitado de forma aproximada, que geometricamente se assemelha a um hexágono irregular. Aliás, a quase totalidade dos concelhos com valores do ILDR situados entre 7,15% e 8,44% localizam-se igualmente dentro do mesmo hexágono, ou na sua periferia.

Deste modo, o estudo da incidência relativa do desemprego registado à escala local (realizado por recurso ao Indicador Local de Desemprego Registado) permite manter a conclusão de que o desemprego, na Região Norte, apresenta uma geografia muito marcada – embora não totalmente coincidente com a mancha territorial que, inicialmente, ressaltou da simples consideração do número total de desempregados por concelho.

Os 11 municípios da Região do Norte nos quais o desemprego registado assumia, em 2009 (média anual), maior expressão relativa expressa no ILDR eram: Espinho (15,0%),

⁵ Face à circunstância de não estarem ainda disponíveis as estimativas demográficas reportadas ao final de 2009, no cálculo do indicador local de desemprego registado para 2009 utilizou-se, no numerador, o valor médio anual do desemprego registado em cada concelho no próprio ano de 2009 e, no denominador, a estimativa de população residente dos 15 aos 64 anos reportada a 31 de Dezembro de 2008.

⁶ A população activa difere da população residente dos 15 aos 64 anos por diversos motivos. A população activa representa, *grosso modo*, a oferta de mão-de-obra e, como tal, engloba os indivíduos empregados e os desempregados, mas não engloba aqueles indivíduos que não estão disponíveis para trabalhar (nomeadamente, estudantes, domésticos, reformados e outros). Por outro lado, a população activa tem um limite etário mínimo (15 anos), mas não um limite máximo, pelo que um certo número de indivíduos com 65 ou mais anos que continuam a trabalhar, integram a população activa. Apesar disso, a população activa é sempre inferior ao total de população residente dos 15 aos 64 anos.

Santo Tirso (13,7%), Mesão Frio (13,5%), Baião (12,7%), Trofa (11,9%), Castelo de Paiva (11,5%), Vila Nova de Gaia (11,1%), Guimarães (10,7%), Vizela (10,5%), Celorico de Basto (10,2%) e Valongo (10,1%). De notar que em alguns destes municípios residiam, em números absolutos, um reduzido total de desempregados, sendo o caso mais evidente o de Mesão Frio, que em 2009 contava, em média, com apenas cerca de 400 desempregados. Ao contrário, alguns dos concelhos atrás referidos, pelo seu grande número de desempregados, apresentam, apesar disso, um panorama que, em termos relativos (face à sua demografia), se apresenta entre os menos gravosos da Região do Norte. Nesta situação, destacam-se sobretudo Barcelos (cerca de 5.000 desempregados, mas um ILDR de apenas 5,7%) e também Matosinhos (perto de 8.400 desempregados e um ILDR da ordem dos 7,1%).

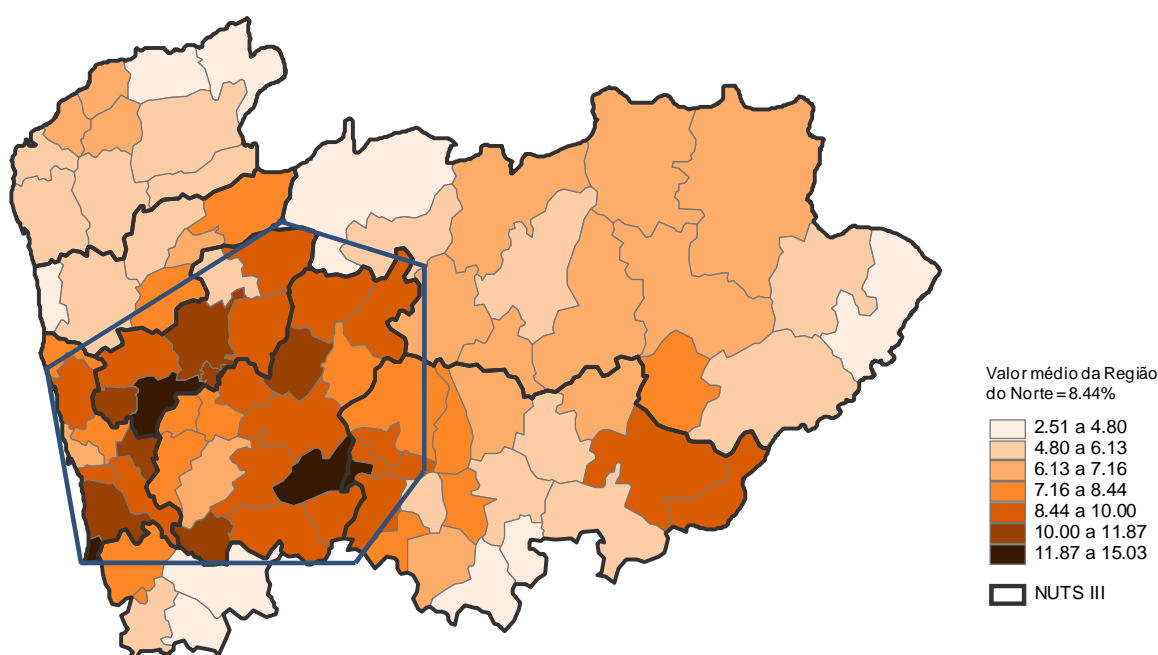


Figura 28 – Indicador local de Desemprego Registrado, 2009

Desemprego Registrado (média anual de 2009) em % da população residente dos 15 aos 64 anos (estimativa a 31.XII.2008)

Fonte: IEFP, Desemprego Registrado por concelhos; INE, Estimativas de População média Residente; cálculos próprios

Além da sua expressão absoluta e relativa, interessa também observar a dinâmica local do desemprego registrado em 2009.

Apenas seis municípios da Região do Norte beneficiaram, em 2009, de uma redução no valor médio anual do desemprego registrado – e desses, apenas três conheceram reduções superiores a 5%, nomeadamente, Penedono (-11,5%), Murça (-11,2%) e Freixo de Espada à Cinta (-7,1%).

Para o conjunto da Região do Norte, o desemprego registado (em valores médios anuais) cresceu 23,7% entre 2008 e 2009. Em 70 dos seus 86 municípios, o desemprego cresceu acima de 5%.

Mais importante, todavia, é destacar o padrão territorial dessa dinâmica de crescimento do desemprego registado. A quase totalidade dos 38 concelhos da Região do Norte nos quais o desemprego registado cresceu, em 2009, mais de 20%, localiza-se na parte mais ocidental do território regional, numa faixa que abarca toda a costa atlântica e se estende por 50 a 60 km em direcção ao interior⁷.

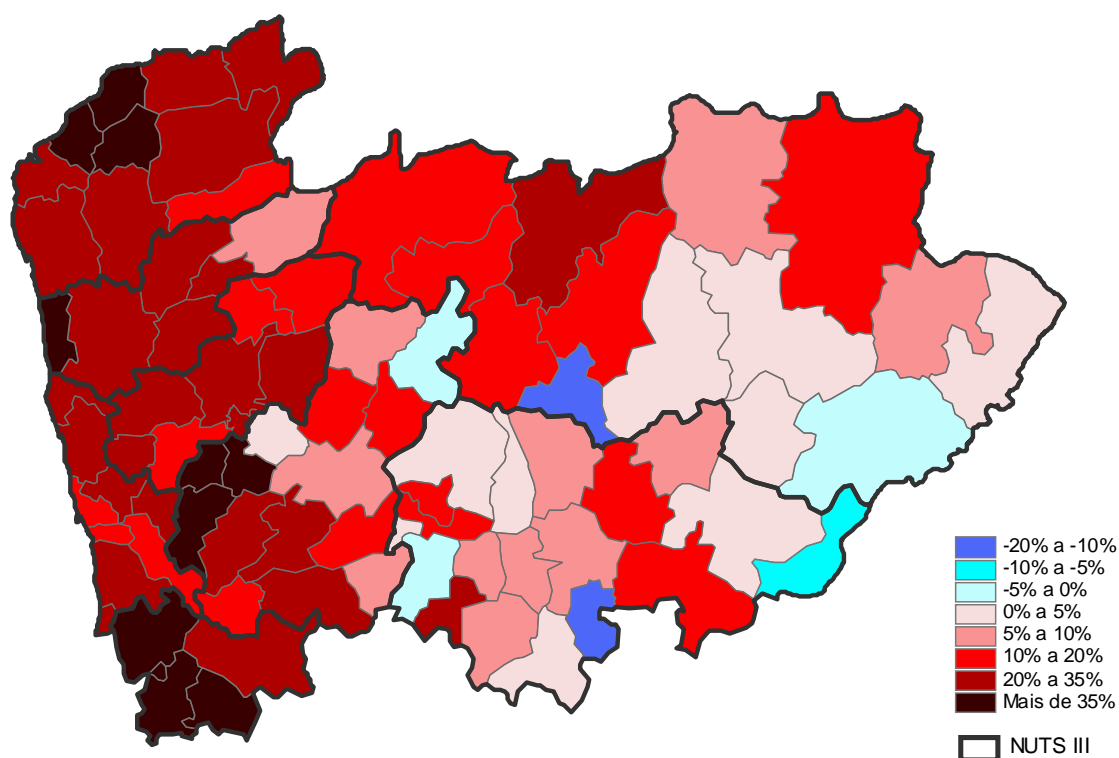


Figura 29 – Desemprego Registado: taxa de variação anual (%)
(média anual de 2009 / média anual de 2008)

Fonte: IEFP, Desemprego Registado por concelhos

Ainda mais definida é a distribuição no território dos municípios com maiores crescimentos relativos do desemprego registado médio anual entre 2008 e 2009, os quais se organizam em três grupos. Com crescimentos face a 2008 entre 49% e 61%, surgem quatro municípios que representam a quase totalidade do Entre Douro e Vouga, nomeadamente Oliveira de Azeméis, São João da Madeira, Santa Maria da Feira e Vale de Cambra. Num outro grupo, composto por Valença e respectivos concelhos limítrofes a Sul (Vila Nova de Cerveira e Paredes de Coura), o desemprego cresceu, em média, entre 48% e 55%. Finalmente, surge o terceiro grupo, composto por Lousada, Paços de Ferreira e Paredes, no qual o desemprego cresceu, em 2009, entre 50% e 64%. Nesta enumeração

⁷ Sendo Chaves e Tarouca as duas únicas excepções nesse lote de 38 municípios.

dos concelhos com mais acentuado crescimento do desemprego em 2009, deve ainda referir-se Esposende, onde o desemprego cresceu, em 2009, cerca de 41%, em média anual. Nenhum destes concelhos, caracterizados pelo forte crescimento do desemprego, se conta entre aqueles que, em 2009, apresentavam uma incidência relativa do desemprego registado superior à média da Região. Aparentemente, esta incidência do desemprego tem tendência para se alastrar.

2.3.2. Desemprego Registado: os ramos de actividade e as profissões de quem procura emprego

Além de evidenciar a distribuição territorial do desemprego à escala local, os dados do desemprego registado permitem também uma caracterização detalhada em função das profissões e (no caso dos indivíduos que procuram um novo emprego) do sector de actividade de onde são provenientes os desempregados. Torna-se assim possível conhecer um pouco melhor os sectores e as profissões que mais desemprego geram.

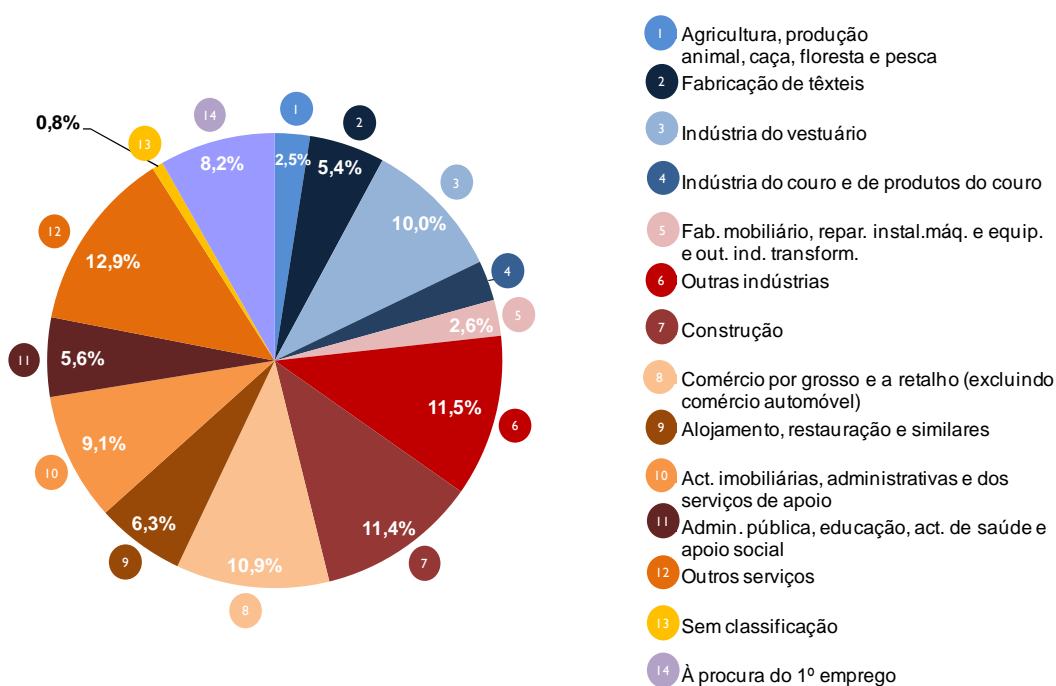


Figura 30 – Desemprego Registado, por ramo de actividade, em 2009 (média anual)

Fonte: IEFP, Mercado de Emprego – Estatísticas Mensais

Em 2009, os desempregados à procura do primeiro emprego representavam, em média, 8,2% do desemprego registado total da Região do Norte (9,5% em 2008).

Mais de 15% dos desempregados inscritos eram oriundos da fileira têxtil (sendo 10% da indústria do vestuário e 5,4% da fabricação de têxteis). Globalmente, o sector industrial era, em 2009, a origem de quase um terço do desemprego registado da Região do Norte (32,3% do total, contra 31,5% em 2008). Por outro lado, um em cada nove desempregados inscritos, em 2009, provinha da construção (11,4% do total, aumentando significativamente o peso relativo deste sector, que em 2008 era de 8,8%) A construção foi mesmo o sector que, de 2008 para 2009, mais reforçou a sua importância relativa entre os desempregados da Região do Norte inscritos no IEFP. Em média, em 2009, o sector secundário era a origem de 43,7% do desemprego registado (40,3% em 2008).

O comércio grossista e retalhista (excluindo o comércio automóvel) tinha uma representatividade apenas ligeiramente inferior à da construção (10,9% do total do desemprego registado). Globalmente, o sector terciário era, em 2009, a origem de 44,8% dos desempregados inscritos da Região do Norte (46,1% em 2008).

Finalmente, cerca de 2,5% do desemprego registado da Região do Norte era, em 2009, proveniente do sector primário.

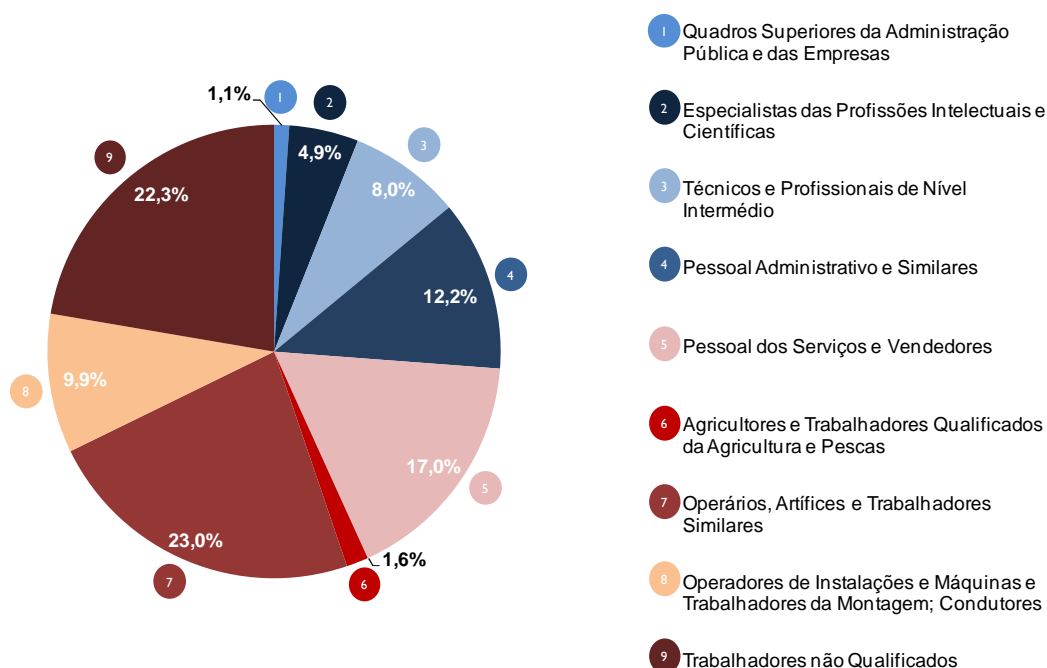


Figura 31 – Desemprego Registado, por grupos de profissões, em 2009 (média anual)

Fonte: IEFP, Mercado de Emprego – Estatísticas Mensais

A análise do desemprego registado por grupos de profissões permite evidenciar a existência de um perfil de baixas qualificações associado à maior parte dos desempregados da Região do Norte.

Em 2009, em média anual, perto de um quarto (23,0%) dos desempregados inscritos residentes na Região do Norte eram operários, artífices e trabalhadores similares. Numa análise mais fina, este grupo era composto por 7,1% de operários da construção e da indústria extractiva, sendo os restantes 15,9% profissionais da indústria transformadora. Os operários foram, em 2009, o grupo profissional que mais viu alterar-se a sua expressão relativa face ao total (em 2008, eram 19,3% do desemprego registado).

Quase tão numeroso como o grupo dos operários, é o conjunto dos designados como trabalhadores não qualificados, os quais em 2009 representavam 22,3% dos desempregados inscritos no Norte do país (23,0% em 2008). Daquele total, destacam-se 13,0% de trabalhadores não qualificados do comércio e serviços e 9,2% da construção, indústria e transportes.

Com cerca de um décimo do total (9,9%, valor idêntico ao de 2008), surge o grupo dos operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem, no qual se incluem também os condutores de veículos.

Assim, os três grupos de profissões de menor qualificação (operários, operadores de máquinas e não qualificados) somavam, em 2009, mais de metade (55,2%, em média) dos desempregados inscritos nos Centros de Emprego do IEFP.

No restante, em 2009, há a destacar o pessoal dos serviços e vendedores, que representava, em média, cerca de um sexto (17,0%) do desemprego registado no Norte, bem como o pessoal administrativo e similares, com cerca de um oitavo do total (12,2%). Refira-se ainda a presença de 8,0% de técnicos e profissionais de nível intermédio e de 4,9% de especialistas das profissões intelectuais e científicas.

2.4. Os salários

Em 2009, o salário médio mensal líquido dos trabalhadores por conta de outrem residentes na Região do Norte foi 710 euros, valor que supera em 3,0% o registo de 2008. Nos últimos três anos, reduziu-se a disparidade salarial entre a Região do Norte e a média nacional. Em 2006, o salário médio praticado na Região do Norte ficava cerca de 10,5% abaixo da média nacional, mas em 2009 esse diferencial tinha-se reduzido para 7,1%.

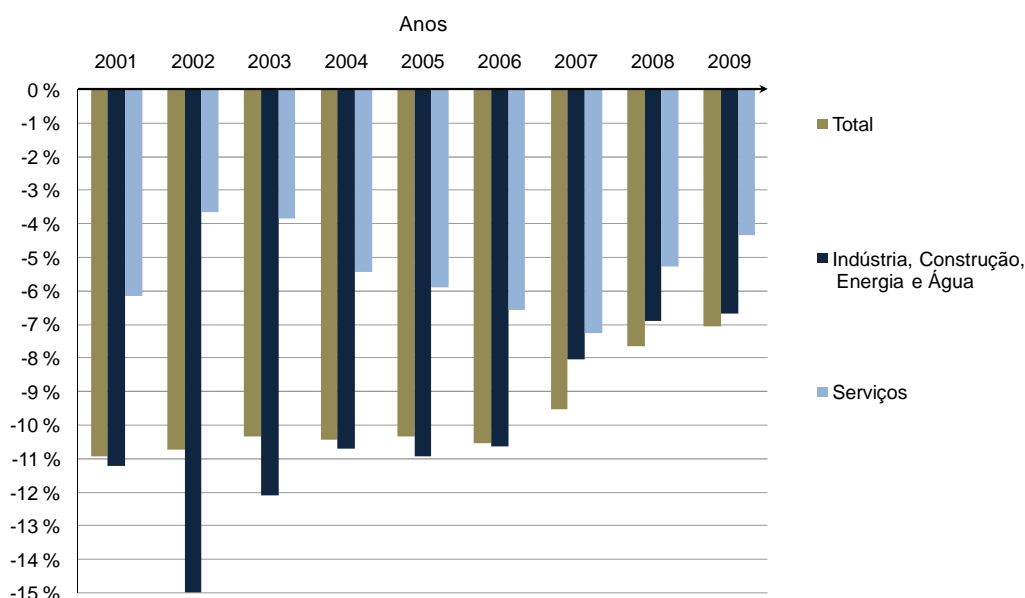


Figura 32 – Salário médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: diferencial percentual da Região do Norte para a média nacional

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Até 2006, inclusive, as disparidades de género, no que se refere aos salários, eram claramente menos acentuadas na Região do Norte, do que a nível nacional. Nesse ano, as mulheres da Região do Norte trabalhadoras por conta de outrem ganhavam, em média, menos 14,1% do que os homens, enquanto a nível nacional a relação era de menos 16,8%. Nos anos seguintes, porém, o desnível salarial entre géneros foi semelhante nos dois territórios. Entre 2005 e 2008, as disparidades salariais de género agravaram-se, de forma mais acentuada no Norte do que no país como um todo. O ano de 2009, porém, inverteu essa tendência. Em 2009, o salário médio mensal líquido das mulheres foi inferior ao dos homens em cerca de 16,3%, tanto a nível nacional, como na Região do Norte.

No sector secundário, na Região do Norte, é particularmente acentuada a diferença salarial entre géneros. Em 2009, as mulheres do Norte empregadas no sector secundário a trabalhar por conta de outrem auferiam, em média, cerca de 25,9% menos do que os homens.

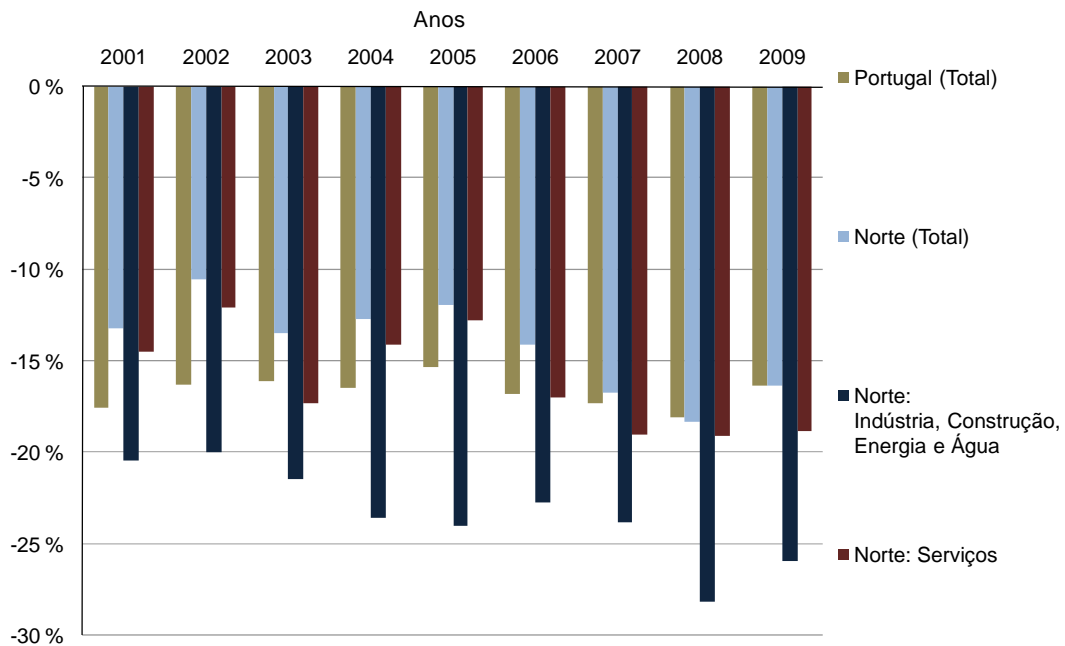


Figura 33 – Desigualdade salarial de género: diferencial percentual do salário médio mensal feminino para o masculino

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

Nos últimos anos, têm vindo a reduzir-se as disparidades salariais por níveis de instrução, de forma particularmente acentuada na Região do Norte. Naturalmente, essa tendência retrata não apenas a evolução dos níveis salariais médios por níveis de instrução, mas também as alterações no próprio perfil da população empregada por níveis de instrução, assistindo-se a uma melhoria gradual, que se expressa, nomeadamente, numa proporção crescente de empregados com formação superior.

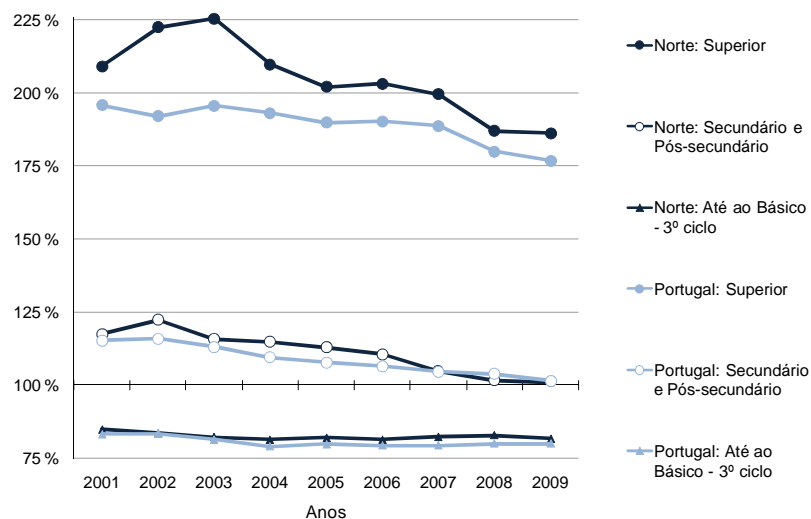


Figura 34 – Salário médio mensal por nível de instrução, em Portugal e na Região do Norte, em % da média global de cada espaço geográfico de referência

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego

O “prémio” salarial dos licenciados tem vindo a reduzir-se: em 2003, na Região do Norte, os licenciados auferiam, em média, um salário superior ao dobro do salário médio global da região (cerca de 125% acima desse referencial); mais recentemente, em 2008 e 2009, o salário médio dos licenciados situava-se cerca de 86% a 87% acima da média regional. Note-se que, a nível nacional, o “prémio” salarial dos licenciados é um pouco menor (77% acima da média), o que resulta, em parte, da circunstância de a proporção de licenciados face ao total de trabalhadores por conta de outrem ser menor na Região do Norte.

Quer a nível nacional, quer na Região do Norte, o salário médio dos trabalhadores por conta de outrem com habilitação ao nível do ensino secundário mostra-se coincidente com o salário médio global em cada um desses espaços. Para os trabalhadores cuja habilitação não ultrapassa o ensino básico, o salário médio, em 2009, na Região do Norte, era cerca de 82% do salário médio global regional.

3. Breve nota conclusiva e prospettiva



Como ficou demonstrado, o mercado de trabalho da Região do Norte sentiu profundamente o impacto da crise económica em 2009. Esse efeito acresceu aquele que tem vindo a marcar o processo de ajustamento estrutural da sua economia desde o período recessivo de 2002 a 2003. Esse processo não se tinha concluído e, apesar de um crescimento do PIB mais robusto em 2007, tinha apenas começado a produzir algum impacto positivo sobre a taxa de desemprego em 2008. A actual crise veio apanhar esse processo a meio e introduziu-lhe novas exigências e custos sociais acrescidos. A sua natureza disruptiva, onde confluem condicionantes de natureza conjuntural com outras mais estruturais, obrigará a que esse processo de ajustamento se faça partindo de patamares de desemprego mais elevados.

Assim, para 2010, a generalidade das previsões avançadas, quer pelo Governo português, quer pelas principais organizações internacionais, apontam para que a economia portuguesa volte a crescer, registando contudo um crescimento económico muito moderado (inferior ao alcançado em qualquer um dos anos de 2004 a 2007, que correspondem ao período entre a recessão de 2003 e o início da actual crise). Também ao nível comunitário se prevê, para 2010, uma retoma do crescimento económico, mas igualmente a um ritmo moderado – semelhante ao registado em 2008 e inferior ao de qualquer um dos anos de 2000 a 2007.

Os mesmos cenários, tendem ainda a antecipar uma nova subida da taxa de desemprego a nível nacional, embora menos acentuada do que o agravamento observado entre 2008 e 2009. O cenário macroeconómico considerado no Plano de Estabilidade e Crescimento (PEC) prevê, para Portugal, uma taxa de desemprego média de 9,8% em 2010 e 2011; de 9,5% em 2012; e só para 2013 prevê uma taxa de desemprego (9,3%) inferior ao valor médio de 2009, que foi de 9,5%.

Face às previsões avançadas, é de admitir que também na Região do Norte venha a ocorrer, em 2010, novo agravamento dos níveis de desemprego. O facto de, em 2009, a taxa de desemprego do Norte se ter mostrado mais sensível à degradação da conjuntura, torna plausível que, mesmo num cenário de retoma económica lenta, o Norte do país dificilmente poderá gerar desemprego a um ritmo inferior ao todo nacional.

Além do mais, 2010 está a ser marcado também pelo agudizar das tensões provocadas pelos aspectos puramente financeiros da crise internacional. Se a incerteza é sempre uma característica inerente a qualquer cenário, a verdade, porém, é que, no momento actual, os níveis de incerteza se colocam, a nível internacional, num patamar muito pouco frequente. É pois possível que, no imediato, os graus de liberdade na condução das políticas públicas sejam, quer a nível europeu, quer a nível nacional, muito limitados. Mas isso será apenas mais uma razão para que, neste momento de grande convulsão económica, não se perca de vista o carácter estrutural e estratégico que deve continuar a presidir à gestão dos instrumentos de política regional.

É que este fenómeno do desemprego tem expressões territorialmente diferenciadas, emergindo o Norte do país como uma região-problema: pela dimensão relativa deste fenómeno no contexto nacional; pelas suas especificidades em termos de perfil dos trabalhadores afectados. O desemprego que regista tem causas que vão para além da actual conjuntura. Resulta, uma parte importante, de um processo de ajustamento estrutural, que se define, por um lado, pelo desaparecimento de muitas das empresas que caracteriza(va)m a estrutura produtiva regional e, por outro, pela reconversão e aparecimento de outras com, designadamente, maiores níveis de intensificação tecnológica.

Estes dois movimentos, que coexistem, não produzem no tempo o mesmo efeito ao nível do emprego mas, no seu conjunto, são fundamentais para a melhoria da produtividade regional. Só essa melhoria é que promoverá o crescimento sustentado da Região do Norte, arrastando, mais duradouramente, o acréscimo do nível de emprego.

As políticas de emprego, mais as passivas do que as activas, são fundamentais para a redução dos custos económicos e sociais deste processo de ajustamento estrutural no curto prazo. Mas é necessário actuar a outros dois níveis: (i) dinamizando investimento, público e privado, em actividades económicas de aposta regional; (ii) melhorando a qualificação e a empregabilidade dos recursos humanos.

No Norte do país, a política regional tem procurado desempenhar um papel a estes dois níveis. A um nível, desenvolvendo, nomeadamente, “Pólos de Tecnologia” e “Clusters Regionais”, no âmbito das Estratégias de Eficiência Colectiva do QREN, como forma de acelerar o processo de mudança estrutural. A outro, através da Agenda da Empregabilidade, promovendo ofertas formativas mais adequadas às necessidades actuais e futuras das empresas, das áreas económicas de aposta regional e dos diversos sub-espacos territoriais.



Observatório

DAS DINÂMICAS REGIONAIS DO NORTE